



FACULDADE DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

A PESCA NA PÓVOA DE VARZIM

Análise crítica da actividade piscatória no período 1998-2007

MARIA ADÉLIA DUARTE POUSADA

Mestrado em Biologia

PORTO

2008

Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências

Universidade do Porto

A PESCA NA PÓVOA DE VARZIM

Análise crítica da actividade piscatória no período 1998-2007

MARIA ADÉLIA DUARTE POUSADA

Licenciada em Biologia

Universidade de Lisboa

Dissertação Apresentada para Obtenção do
Grau de Mestre em Biologia

Professor Orientador: Paulo Talhadas Santos

2008

RESUMO

Este estudo teve como objectivo, fazer uma análise da actividade piscatória na Póvoa de Varzim no período de 1998 até 2007.

Fez-se uma caracterização sumária da região, das tradições de pesca da região tais como as embarcações, as artes utilizadas e as principais capturas, e dos apoios à actividade piscatória.

Foram alvo de análise a evolução da frota de pesca costeira e local, o tipo e o número de artes de pesca licenciadas, o volume de pescado descarregado na lota assim como as espécies mais capturadas e o registo das entrevistas feitas a indivíduos ligados ao sector da pesca. O número de pescadores matriculados também foi alvo de análise mas apenas para o período de 2002 a 2007.

A partir da pesquisa documental existente na Capitania do Porto da Póvoa de Varzim e na Delegação da DOCAPESCA Portos e Lotas S.A., da consulta de dados estatísticas disponíveis no Instituto Nacional de Estatística e da realização de entrevistas, elaboraram-se tabelas, gráficos e textos que serviram de base à análise pretendida.

De um modo geral conclui-se, com o presente trabalho, que a frota registou uma redução no número de embarcações estando actualmente mais orientada para a pesca costeira em detrimento da pesca local. O número de artes de pesca licenciadas registou um aumento significativo nos dois segmentos de pesca costeira e artesanal. Relativamente ao número de pescadores matriculados houve uma diminuição no registo de matrículas. Quanto ao volume de pescado descarregado também se verificou uma diminuição. Da análise das entrevistas pode-se inferir que os pescadores estão conscientes da degradação do sector das pescas na Póvoa de Varzim e da melhoria nas embarcações, quer em condições de trabalho, quer em novas tecnologias. Também estão conscientes da necessidade de uma formação profissional e da existência de uma melhor gestão dos recursos e sua fiscalização.

ÍNDICE

Resumo

Abstract.....

Índice de Figuras.....

Índice de Gráficos

Índice de Tabelas.....

Agradecimentos

1. Introdução

1.1- Contextualização

1.2- Características da região

1.2.1- Litoral

1.2.2- Oceanografia.....

1.2.3- Espécies comerciais características da região.....

1.3- Tradição de pesca

1.3.1- Embarcações.....

1.3.2- Artes de pesca.....

1.3.3- Capturas por tipo de arte de pesca.....

1.4- Apoios para a actividade piscatória

1.4.1- Capitania da Póvoa de Varzim

1.4.2- Docapesca e Lota.....

1.4.3- Estaleiros navais

1.4.4- Escola de pesca

2. Metodologia

2.1- Consulta, Registo e Tratamento de dados

2.2- Entrevistas

2.3- Apresentação dos resultados

3. Análise dos dados estatísticos referentes à comunidade piscatória

- 3.1- Embarcações registadas na capitania da Póvoa de Varzim
- 3.2- Artes de pesca costeira
- 3.3- Artes de pesca local
- 3.4- Pescado
- 3.5- Pescadores matriculados

4. Análise das Entrevistas

- 4.1- Breves notas sobre a metodologia utilizada
- 4.2- Resultados das entrevistas

5. Conclusões

- 5.1- Algumas reflexões
- 5.2- Conclusão
- 5.3- Notas finais

6. Bibliografia.....

7. Apêndices

- 7.1- Apêndice A – Tabelas de dados.....
- 7.2- Apêndice B – Guião da entrevista

8. Anexos

- 8.1- Anexo A
- 8.2- Anexo B

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Lancha Poveira do Alto (1991).	
Figura 2 – Embarcação com motor fora de borda.	
Figura 3 – Embarcações actuais com novas tecnologias.	
Figura 4 – Redes de emalhar.	
Figura 5 – Redes de cerco.	
Figura 6 – Tipos de armadilhas utilizadas na Póvoa de Varzim.	
Figura 7 – Palangre.	
Figura A.1 – Localização da Póvoa de Varzim.	
Figura A.2 – Freguesias da Póvoa de Varzim.	
Figura A.3 – Bairros da cidade da Póvoa de Varzim.	
Figura A.4 – Zona litoral da Póvoa de Varzim.	

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Nº de embarcações registadas na frota de pesca nacional.
Gráfico 2 – Nº de embarcações Nº de embarcações com motor registadas na região.
Gráfico 3 – Espécies descarregadas na Póvoa de Varzim.
Gráfico 4 – Nº de embarcações registadas na Capitania da Póvoa de Varzim
Gráfico 5 – Total de artes licenciadas para a pesca costeira.
Gráfico 6 – Nº de licenças para redes de emalhar com um pano fundeadas.
Gráfico 7 – Nº de licenças para redes de emalhar derivante com um pano.
Gráfico 8 – Nº de licenças para arte de pesca de arrasto.
Gráfico 9 – Nº de licenças para pesca à linha.
Gráfico 10 – Número licenças para armadilhas de pesca.
Gráfico 11 – Total de artes licenciadas para a pesca local.
Gráfico 12 – Número de armadilhas licenciadas para a pesca local.
Gráfico 13 – Número de licenças para redes de emalhar e tresmalho de fundo..
Gráfico 14 – Número de licenças para palangre de fundo.
Gráfico 15 – Pescado transaccionado por tipos e artes de pesca (t).
Gráfico 16 – Pesca polivalente descarregada na Póvoa de Varzim.
Gráfico 17 – Pesca de cerco descarregada na Póvoa de Varzim
Gráfico 18 – Pesca descarregada, segundo as espécies na Póvoa de Varzim. ..
Gráfico 19 – Moluscos descarregados (t) na Póvoa de Varzim.
Gráfico 20 – Número de pescadores matriculados em Portugal.
Gráfico 21 – Número de pescadores matriculados em 31 de Dezembro em portos nacionais.
Gráfico 22 – Nº de marítimos e não marítimos matriculados no sector da pesca local na Póvoa de Varzim.

Gráfico 23 – N^o de marítimos e não marítimos matriculados no sector
da pesca costeira na Póvoa de Varzim.

Gráfico B.1 – Evolução do número de fábricas de conservas na
Póvoa de Varzim.

ÍNDICE DE TABELAS

- Tabela A.1 – Nº de embarcações registadas na frota de pesca nacional.
- Tabela A.2 – Nº de embarcações com motor registadas na região Norte.
- Tabela A.3 – Espécies com valor comercial descarregadas na Póvoa de Varzim.
- Tabela A.4 – Nº de embarcações registadas na Capitania da Póvoa de Varzim..
- Tabela A.5 – Número total de artes licenciadas para a pesca costeira.
- Tabela A.6 – Nº de licenças para redes de emalhar de um pano fundeadas para pesca costeira.
- Tabela A.7 – Número licenças para redes de arrasto para a pesca costeira.
- Tabela A.8 – Número licenças para artes de pesca à linha na pesca costeira. ...
- Tabela A.9 – Número licenças atribuídas para armadilhas de pesca costeira. ...
- Tabela A.10 – Número total de licenças de artes de pesca para a pesca local...
- Tabela A.11 – Número de licenças atribuídas para a utilização de armadilhas na pesca local.
- Tabela A.12 – Número de licenças para redes de emalhar, tresmalho fundeado e palangre de fundo para a pesca local.
- Tabela A.13 – Volume de pescado transaccionado por tipos e artes de pesca...
- Tabela A.14 – Pesca polivalente e de cerco descarregada na Póvoa de Varzim (toneladas de pescado fresco e refrigerado).
- Tabela A.15 – Pesca descarregada, segundo as espécies, na P. de V.
- Tabela A.16 – Crustáceos descarregados na Póvoa de Varzim (t).
- Tabela A.17 – Moluscos descarregados na Póvoa de Varzim (t).
- Tabela A.18 – Número de pescadores matriculados em Portugal.
- Tabela A.19 – Pescadores matriculados em 31 de Dezembro em portos nacionais por Porto de registo e Segmento de pesca.
- Tabela A.20 – Pescadores matriculados no sector da pesca local na P. de V. ...
- Tabela A.21 – Pescadores matriculados no sector da pesca costeira na Póvoa de Varzim.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Paulo Santos por me ter aceitado como aluna, pela valiosa orientação, sempre bem-humorada, durante a realização desta dissertação, assim como os conselhos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para os resultados apresentados neste trabalho.

Ao Dr. Eurico Martins, pelo apoio, disponibilidade e cedência de dados.

Ao Capitão da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim a disponibilização dos registos utilizados neste estudo. À D. Paula, D. Elisabete pela prestabilidade Aos pescadores e mestres das embarcações que disponibilizaram o seu tempo para as entrevistas e esclarecimentos.

À minha irmã pelo apoio incondicional nos bons e menos bons momentos, por todo o suporte emotivo e familiar e pela paciência tida durante estes últimos meses.

A todos os pescadores sem os quais este trabalho não seria possível

Por fim, agradeço a Deus e a todos os bons espíritos que nunca me abandonaram ao longo desta maratona.

Obrigado!

1. INTRODUÇÃO



***“É este o mar! o mar! o mar!
Que dá a volta ao mundo inteiro:
Seja nas velas do Gama
Ou nas redes do Poveiro.”***

António Correia de Oliveira

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Portugal é detentor de uma das maiores Zonas Económicas Exclusivas na União Europeia a qual compreende uma zona de Mar Territorial e Plataforma Continental de 64 145Km² e 20 141Km² (DGPA 2007), respectivamente. A extensa linha de costa portuguesa permitiu a fixação de populações que tiveram e ainda têm a pesca como principal actividade proporcionando uma fonte importante de alimentos, empregos e benefícios económicos aos que se dedicam a esta actividade. Porém, Portugal, “é o país que menor nível de produtividade e de rentabilidade consegue obter da exploração dos recursos marinhos da U.E.” (Moniz, Godinho e Kovacs, 2000) e em que o sector das pescas “apresenta um peso relativamente baixo na economia nacional” (DGPA,2007).

A realidade do sector português das pescas no período pós adesão à C.E.E. “era caracterizada pela decrepitude e pelo atraso tecnológico ao nível das actividades produtivas, onde predominavam unidades de reduzida dimensão.” (Pinho, 1998). Segundo a análise apresentada no Programa Operacional Pesca 2000-2006, “o período de 1990 a 1998, à semelhança da generalidade das frotas da Comunidade, a frota de pesca portuguesa e em resultado do cumprimento dos objectivos estabelecidos nos Programas de Orientação Plurianuais, sofreu uma redução, verificando-se uma quebra de 29% no número de navios, 39% na tonelagem de arqueação bruta e 21% na potência. O decréscimo verificado prendeu-se, não só, com a necessidade de redimensionamento da frota, de forma a adequar a sua capacidade aos recursos disponíveis, como também com saídas “naturais”, observadas pelo abandono da pesca por parte de profissionais que passaram à situação de reforma, ou que por outro motivo abandonaram esta actividade”.

Dando continuidade a medidas governamentais anteriores, o Programa Operacional Pesca 2000-2003 definia em termos de desenvolvimento estratégico, “o reforço da competitividade do sector e da qualidade dos produtos da pesca, através da renovação das estruturas produtivas, e dos tecidos empresarial e laboral, de acordo com os seguintes eixos prioritários: Eixo 1 - Ajustamento do esforço de pesca, Eixo 2 –

Renovação e Modernização da Frota de Pesca, Eixo 3- Protecção e desenvolvimento dos Recursos Aquáticos (...)” entre outros.

Como se pode verificar no Gráfico 1, a partir de dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística (INE), durante o período entre 1998 e 2007, a frota de pesca nacional, apresentou uma diminuição de 2.552 registos de embarcações, o número de novas embarcações tem vindo a diminuir e, excepto no ano de 2002, foi sempre muito inferior ao número de embarcações que saíram da frota de pesca. (Tabela A.1 do Apêndice).

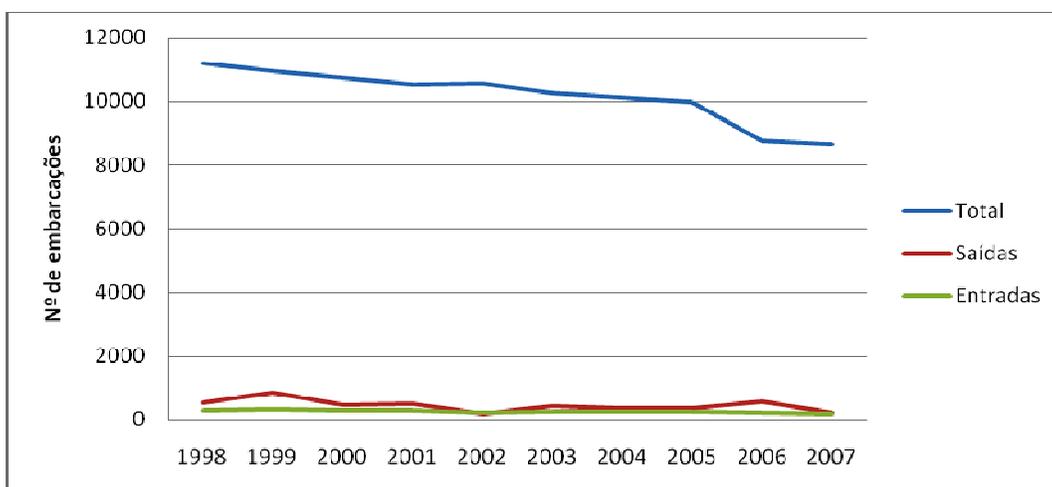


Gráfico 1: N.º de embarcações registadas na frota de pesca nacional.
Fonte: Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.pt/>)

De acordo com a mesma entidade, na Região Norte (NUTS II), que engloba seis portos de Viana do Castelo, cinco portos da Póvoa de Varzim e doze portos de Matosinhos, verificou-se que durante o mesmo período houve a saída de 1 045 embarcações tendo ocorrido o maior número de demolições nos anos de 1998, 2001 e 2005. O número de navios naufragados tem vindo a diminuir não havendo nenhuma ocorrência em 2007. Relativamente a embarcações entradas na frota da região Norte, o maior número de registos ocorreu em 1999 e 2001. Nos anos de 1998, 2000 e 2002 o número de novas embarcações registadas foi significativo porém, a partir de 2003, tem vindo a diminuir tendo havido apenas 32 registos em 2007. Pode-se verificar no Gráfico 2 que o número de embarcações entradas para a frota na região Norte não

equivale ao número de embarcações saídas pode-se mesmo dizer que o saldo tem sido negativo. (Tabela A.2 do Apêndice).

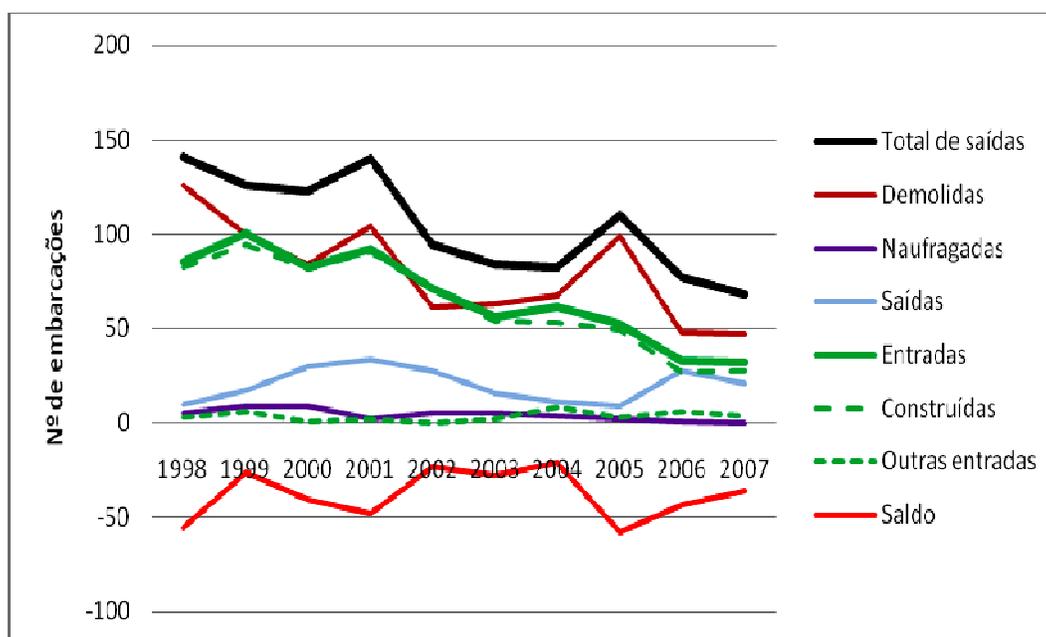


Gráfico 2: Nº de embarcações Nº de embarcações com motor registadas na região Norte (NUTS II). Fonte: Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.pt/>)

O número de pescadores tem vindo a diminuir. Por exemplo “o ano de 2005 registou uma redução de 7% no número de pescadores matriculados nas capitánias, face ao ano anterior, traduzindo-se num efectivo de quase 20 mil pescadores. Esta diminuição foi observada em todo o país, (...), tendo tido maior impacto nos portos da Figueira da Foz, Póvoa de Varzim e Setúbal ”(aicep, 2008). É notório o abandono progressivo da actividade pelos jovens devido aos baixos níveis de rendimento, ao perigo permanente e à sazonalidade da actividade.

Desde que ocorreu a fixação da comunidade piscatória na enseada da Póvoa de Varzim, a economia da região esteve sempre dependente do mar quer através do comércio marítimo quer da pesca. Tendo sido considerado o principal porto de pesca do Norte de Portugal, apresenta actualmente um declínio das actividades ligadas ao mar em especial a pesca e a sua indústria.

Neste contexto, e considerando os Programas Operacionais de Pesca surgem as seguintes questões relativamente à Póvoa de Varzim no período entre 1998 e 2007:

- Como evoluiu a frota de pesca costeira e local na região?
- As artes de pesca utilizadas contribuem para a diminuição dos recursos pesqueiros?
- O volume de pescado aumentou?
- As inscrições marítimas reflectem o desinteresse dos jovens pela actividade?
- Poderá a região recuperar o seu prestígio no sector da pesca?

No âmbito desta tese de mestrado pretende-se analisar a situação da actividade piscatória na Póvoa de Varzim na última década e assim inferir sobre as possibilidades de melhoria no sector.

1.2. CARACTERÍSTICAS DA REGIÃO

O Concelho da Póvoa de Varzim situa-se no extremo Noroeste da província do Douro Litoral e divide-se em doze freguesias (Figura A.1 do Anexo). A freguesia da Póvoa de Varzim fica situada na planície costeira arenosa entre a costa atlântica e a serra de Rates e é constituída por onze bairros, que são áreas significativas da cidade com diferenciação popular e topológica (Figuras A.2 e A.3 do Anexo).

1.2.1. Litoral

A planície arenosa da faixa litoral que se formou a partir da plataforma marítima, possui uma extensão de 12km ininterruptos de praias de areia formando enseadas divididas por rochedos (Figura A.4 do Anexo). Os penedos e as dunas possuem numerosos nichos ecológicos ocupados por uma enorme diversidade de

espécies animais e vegetais. Os penedos da beira-mar permitem, devido às suas características, o crescimento de algas, moluscos e peixes possuindo assim uma grande riqueza biológica.

Para além da fauna piscatória o mar possui uma impressionante riqueza botânica que desde muito cedo os poveiros souberam explorar para tornarem o solo arenoso mais fértil. O conjunto de diversas espécies de algas marinhas que crescem nos rochedos da plataforma continental, o sargaço, era apanhado, na praia ou na beira-mar. Depois de recolhido, o sargaço era estendido nas areias da praia, para que pudesse secar sendo posteriormente utilizado para a fertilização das pequenas parcelas de cultivo escavadas nas areias da beira-mar os campos-masseira. Os poveiros já não se dedicam à apanha do sargaço para fertilizar as terras porém ainda existe esta tradição em algumas regiões do litoral Norte, sendo as mais próximas S. Bartolomeu do Mar e Aguçadora.

Como escreveu Raul Brandão, citado por Soeiro e Lourido (1999), “ o poveiro não tem de seu o areal e o mar. E esse mesmo lho disputam. Foi sempre um eterno explorado pelo fisco, pelos regatões, pelos homens de negócios – e por último tiraram-lhe o areal, que era a única coisa que ele fazia fincapé para os seus varais, para as suas velas, para os seus costumes.” De facto, a partir do séc. XIX, devido a uma constante reconversão de áreas naturais em áreas urbanas, intensificaram-se as rupturas ao longo da planície litoral. Desta reconversão resultou uma acentuada degradação dunar em que a “progressão urbana assemelha-se a uma «mancha de óleo» que se vai estendendo quer para oeste, quer para norte, com a construção de avenidas marginais, como o clássico «Passeio dos Alegres»” (Cardoso, 2007).

O aparecimento e crescimento de novos interesses económicos na região promoveu a exploração de inertes para a construção civil que se reflectiu na utilização de areia nas edificações marginais em substituição do granito e as novas motivações profissionais da população fizeram com que a população deixasse de se sentir tão dependente do mar. A progressiva delapidação da zona litoral e o avanço da tecnologia impulsionou o melhoramento das máquinas na arte da pesca e da exploração dos recursos do mar.

1.2.2. Oceanografia

De acordo com Vanney e Mougnot (1981), citados por Soeiro e Lourido (1999) “a plataforma submarina, até à isóbata de 200m, é pouco inclinada e o seu rebordo corre, geralmente, paralelo à costa, a cerca de 35km frente à desembocadura do Minho, atingindo 60km diante do Mondego. Começa, a partir da costa, por uma faixa de pedra, com alguns picos salientes, que diminui de largura para Sul, à qual se segue o *limpo*, ou seja os fundos de areia, bons para o arrasto, e termina numa zona de rocha alta, sobretudo na secção a Norte do Douro, conhecida pelos pescadores como a *serra* ou o *beiral*, especialmente propícia à faina com redes de emalhar fundeadas e com aparelhos de anzol. Aqui começa o talude continental, primeiro muito declivoso, depois mais inclinado, descendo até aos 4 a 5 000 m de profundidade, ao qual se segue a planície abissal. Como escreveu H. Lautensach, citado por Soeiro e Lourido (1999), “perto da foz do Minho encontra-se uma superfície rochosa com 9km de largura, que estreita progressivamente para sul, para quase desaparecer perto de Vila do Conde, onde a orla coberta de areia tem 16 km de largura. Esta distribuição resulta da circulação da areia ao longo do litoral, arrastada pela corrente marítima que corre para sul”.

De um modo geral, a rocha do talude continental está coberta por sedimentos provenientes da terra como a plataforma o talude continental é rico em nutrientes que escoam da terra permitindo a vida a crustáceos, equinodermes e muitos outros animais. Esse facto ajuda a sustentar os peixes de águas intermédias (pelágicos) e peixes que vivem no fundo (demersais). As reservas de peixe na maior parte das regiões da plataforma diminuíram nas últimas décadas, devido à pesca excessiva e a uma má gestão, levando os pescadores a procurar espécies de água mais profunda sobre o talude continental. Embora as espécies de água profunda tenham uma vida longa, reproduzem-se devagar, e as reservas levam muito tempo a restabelecer-se provocando o declínio das reservas piscatórias (Texto adaptado da Grande Enciclopédia do Oceano, 2006)

“Na costa ocidental (entre o rio Minho e o Cabo de São Vicente) ocorrem, em cerca de 80% do ano, situações com vaga associada aos ventos de norte e de noroeste, o que no Verão ocasiona o regime de nortada, com importante variação diurna (maiores alturas e períodos para o fim da tarde) enquanto todas as áreas abrigadas de noroeste têm estados de mar muito calmos, razão por que todos os portos da costa ocidental estão protegidos deste quadrante. No Inverno e nas

estações de transição são, porém, comuns situações de ‘mar de sudoeste’ associadas a depressões ou superfícies frontais que originam áreas de geração de sudoeste, o que torna a entrada e a saída dos portos difícil, por vezes durante vários dias.” (Souto, 2008)

Quando ocorrem ventos de nortada, situação em que a temperatura das águas junto à costa diminui, como consequência do ressurgimento (upwelling) de águas mais profundas, e mais frias, que compensam o deslocamento para oeste das águas superficiais pode esperar-se uma diminuição de 2º a 3ºC na temperatura das águas. Este ressurgimento de águas, por trazer para a superfície águas mais ricas em nutrientes, potencia a produtividade primária das águas (aumenta a biomassa de fitoplâncton), com reflexos em toda a cadeia alimentar.

1.2.3. Espécies comerciais características da região

A luminosidade, a temperatura e a disponibilidade de nutrientes nas águas marinhas na região Norte fazem com que haja uma variedade significativa de espécies que são pescadas durante o ano. Assim, devido às características da região e à frota e artes de pesca utilizadas pelos poveiros há uma maior captura de espécies pelágicas sendo a sardinha (*Sardina pilchardus*), a mais significativa quer para a alimentação dos poveiros quer para a indústria conserveira.

Como se ilustra no Gráfico 3, que representa a pesca descarregada na Póvoa de Varzim nos anos de 1995, 1996 e 1997, houve uma maior captura de sardinha e, não atingindo as 1000 toneladas, a faneca, a pescada, o carapau e o polvo. Das restantes espécies com valor comercial para a região o congro, o tamboril e as raias foram as mais capturadas. As restantes espécies, exceptuando-se o verdinho, apesar de apresentarem capturas superiores a uma tonelada, têm sido capturadas em menor quantidade. (Tabela A.3 do Apêndice).

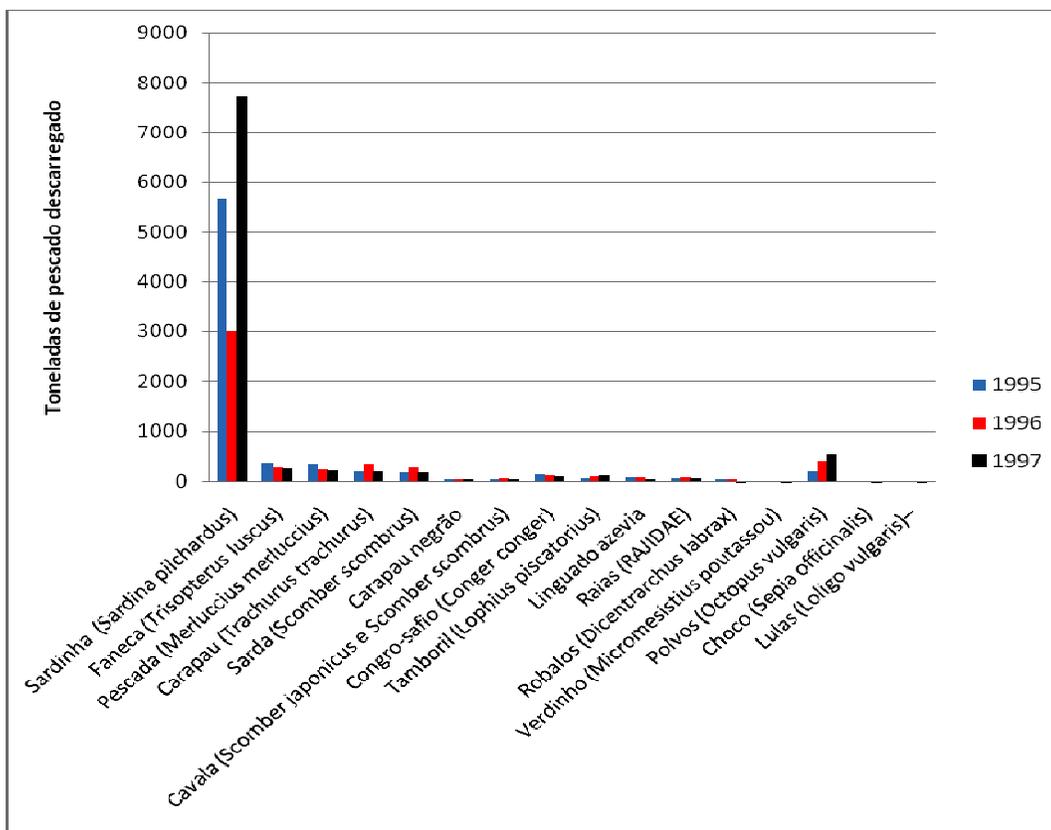


Gráfico 3: Espécies descarregadas na Póvoa de Varzim.
 Fonte: <http://inenetw02.ine.pt:8080/biblioteca/index.jsp>

1.3. TRADIÇÃO DE PESCA

Portugal é um país com grande tradição de pesca que tem apresentado um grande desenvolvimento nesta área, melhorando os processos de captura e a confecção das artes de pesca. O desenvolvimento da tecnologia de pesca e uma maior consciencialização de que o mar e os seus recursos não são inesgotáveis tem levado a um maior empenhamento de todos os envolvidos no sector pesqueiro.

Um desenvolvimento científico, técnico e industrial bastante reduzido reflectiu-se, na Póvoa de Varzim, na pesca artesanal. Na pesca marítima era comum a pesca local que era praticada nas praias e orlas marítimas junto à costa, coincidindo praticamente com a chamada pesca artesanal. A pesca do alto que começou a ser utilizada na segunda metade do séc. XII (Amorim, 2008) era efectuada a maior distância do porto de origem. Os navios que praticavam a pesca do alto deslocavam-

se para pescadores distantes, a maior parte das vezes sem terra à vista e até em águas de outros continentes.

1.3.1- Embarcações

A enseada da Póvoa de Varzim começou a ser usada por embarcações a partir do século XI (Amorim, 2008). Nesta região os pescadores locais começaram por se dedicar à pesca artesanal em embarcações de boca aberta, à vela e remos. A lancha poveira é um barco caracterizado por possuir um casco largo e um leme de grande profundidade e com uma vela de pendão como meio de propulsão. Das embarcações utilizadas, há a salientar a *Lancha Poveira do Alto*, como se representa na Figura 1, de grande dimensão que era adaptada ao mar alto.

“A partir de 1940 começaram a modificar-se. Nessa altura começaram a aparecer as motoras assim chamadas porque eram embarcações de convés, equipadas e movidas a motores diesel. Este tipo de embarcação ganhou grande popularidade na área da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde, não só porque pescavam muito mais, como se deslocavam a pescadores mais afastados como tinham mais segurança na entrada e saída da barra” (Azevedo, 2001).



Figura 1: Lancha Poveira do Alto (1991).

Fonte: Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa do Varzim Câmara

As motoras eram embarcações caras. Eram compradas por sociedades, cooperativas ou pescadores com posses o que impulsionou o aparecimento de outra

embarcação semelhante para os pescadores com menos recursos. Nos anos cinquenta os pescadores instalaram nas suas catraias motores de fora-de-borda surgindo os chamados motores de popa que eram pequenos barcos do tipo “quem quer, mas não pode” e que “era prático mas não económico”. As motoras juntamente com outros factores contribuíram para a transformação e o bem-estar da comunidade piscatória. (Adaptado de Azevedo, 2007)

“O aparecimento das embarcações motorizadas com redes de cercar para bordo (traineiras), o mau apetrechamento das embarcações tipo artesanal, a falta local de braços devido ao grande afluxo migratório para Matosinhos, a falta inexplicável de peixe na profundidade habitual, os longínquos pesqueiros, quase inacessíveis para vela e remos, o surto emigratório da classe marítima para a França, Espanha e Alemanha, fizeram com que a pesca da sardinha tivesse uma das maiores crises de sempre” (Azevedo, 2001) Foi nesta altura que surgiram os gasoleiros. São barcos de boca aberta, popa de leque, motor de gasóleo instalado ao centro, balaustrada, convés corrido, proa direita e lançada com ou sem casa de leme. Inicialmente de 6 metros de comprimento e 4 tAB, hoje ultrapassam já os 9 metros e 10 tAB. “Foi este tipo de embarcação de madeira, de fácil manejo e reduzida tripulação, o salvatério dos pescadores da Póvoa, Poça da Barca e Caxinas” mas com esta embarcação “voltou a fertilidade da sardinha ao porto da Póvoa. O ano de 1971 trouxe uma safra de ouro” (Azevedo, 2001).

Esta evolução desde as catraias passando para os motores fora-de-borda e posteriormente os gasoleiros (com motor de centro) alterou profundamente a vivência da comunidade pobre e conservadora da Póvoa de Varzim. A Figura 2 representa uma embarcação actual com o motor fora-de-borda.



Figura 2 : Embarcação com motor fora de borda.

Com o aparecimento de novas tecnologias, terminou o ciclo artesanal, legado de geração em geração, e os gasoleiros foram desaparecendo. Entrou-se no domínio da electrónica e as motoras foram-se transformando nas embarcações modernas de motores potentes e com aparelhos sofisticados tais como o radar, o GPS, sonda e sonar como as representadas na Figura 3. “O radar e o GPS são para orientação no mar e a sonda e o sonar para pesquisa do peixe. A sonda acoplada ao cabo de pana (aplica-se nas artes de cerco e de arrasto), mede a distância e natureza do fundo, profundidade e dimensão do cardume. A sonda de redes, indica-nos a distância da rede, abertura vertical e entrada do cardume. Estes três aparelhos, sonar, sonda fixa e sonda de redes, são aparelhos de detecção submarina através de propagação de som na água.” (Azevedo, 2007)



Figura 3: Embarcações actuais com novas tecnologias.

Actualmente, a frota de pesca da Póvoa de Varzim é constituída principalmente por navios polivalentes que “estão equipados para o uso alternativo de dois ou mais métodos de pesca sem ser necessário fazer modificações significativas no arranjo do navio ou respectivo equipamento. O exemplo mais simples deste conceito é o que se passa com as embarcações de boca aberta que utilizam um dos tipos de artes de cercar, por exemplo, rede de cerco com retenida durante a ocorrência sazonal de espécies pelágicas, e linhas de mão para espécies demersais durante o resto do ano –

nenhum arranjo ou equipamento especial é introduzido e, portanto, o aspecto geral da embarcação não se altera. Outros exemplos de combinações vulgares são redes de emalhar/palangres sendo usadas outras variedades de artes no caso em que o investimento em artes e equipamentos não seja elevado e as mudanças no aparelhamento sejam mínimas; por exemplo, um navio que usa redes de emalhar pode trabalhar com linhas de mão, corrico e armadilhas quando as variações sazonais o aconselharem.” (Leite, 1989) Também se encontram cercadoras que usam redes de cerco para a captura de espécies pelágicas e embarcações pequenas e médias que usam redes de emalhar. As embarcações que utilizam covos operam na orla costeira e estão preparadas para desenvolver velocidades maiores. Por fim os palangres são utilizados por embarcações de qualquer dimensão, desde que adequada ao comprimento do palangre a ser calado.

1.3.2- Artes de pesca

A evolução tecnológica nas artes de pesca costeira foi bastante significativa na Póvoa de Varzim, uma vez que, a população que se instalou, sempre teve na pesca o seu modo de vida.

Inicialmente as redes de pesca eram muito grosseiras exigindo muita mão-de-obra e força para as utilizar. As redes eram sujeitas a uma fervura, durante seis horas, num líquido feito com casca de salgueiro previamente moído. Depois de “encascadas”, quando estendidas nos varais, as redes eram regadas quatro a cinco vezes com o mesmo líquido. A sua reparação, “atar as redes” era feita sempre que necessário e posteriormente eram recolhidas no “falso” da casca ou enroscadas no barco e finalmente inspeccionadas pelo mestre. “Hoje com redes de nylon e o consumo de bidons de gasóleo, nem às redes falta resistência, nem o pescador precisa de engendrar uma caldeira a seu agrado...” (Azevedo, 2001) Actualmente as redes que são utilizadas são muito mais leves e finas facilitando a sua utilização quer no mar quer em terra

A moda dos aparelhos de redes surgiu na Póvoa de Varzim nos finais dos anos 90 pelo mestre Agonia Vermelho a bordo do seu gasoleiro “Malaquias”. O referido aparelho de redes consistia numa rede de cerca de 40 metros de comprido e era utilizada para o peixe graúdo. Também era conhecida por rede de três panos porque

tinha duas malhas largas entremeadas por outra mais estreita que era eficaz para a pesca do robalo linguado, ruivo, marmota, caranguejo, lagosta, peixe-sapo, etc.

“Estes aparelhos de redes foram um achado para os gasoleiros que, em cada viagem, podiam levar trinta a cinquenta dessas redes em cada viagem, formando um enorme caudal a que os pescadores chamam caça. Essas redes são lançadas ao mar com 3 âncoras “ferros”: duas maiores presas nos calões “pontas” e outra no meio. A Caça é largada no limpo “pesqueiro sem rochas no Inverno, evitando assim que a força da maré as rasgue. Durante o Verão a caça pode ser lançada mesmo por cima das pedras que é o local ideal para o marisco. Cada ancoretta é amarrada ao aparelho por uma corda de 20 braças, e tem uma bóia na extremidade com o nome do barco facilitando a sua identificação pelo mestre. Se os aparelhos forem lançados de um dia para o outro pode acontecer o mar levantar-se inesperadamente e soltar-se o ferro ensarilhando-se a caça, provocando uma verdadeira confusão para a tripulação. Este problema chega a levar alguns dias a ser resolvido é aquilo que se chama “safar os aparelhos”. Os sardinheiros, agora, devido a estes aparelhos de rede podem pescar marisco e peixe graúdo quando a sardinha falha ou é vendida a desbarato. (Azevedo, 2001)

Na Póvoa de Varzim, a pesca de arrasto de fundo não é utilizada, sendo o maior número de capturas feita com redes de emalhar, como se ilustra na Figura 4, que evoluíram a partir de redes que eram colocadas em locais em que a maré não as descobria e funcionavam como barragens.



Figura 4: Redes de emalhar

Na pesca costeira com redes de emalhar, utiliza-se uma rede fixa ou a deslocar-se muito lentamente, que se atravessa no caminho do pescado. Este, nada para a frente acabando por ficar preso nas redes. Neste tipo de arte de pesca, o perímetro da malha é inferior ao tamanho do peixe o que faz com que os peixes fiquem presos pelos dentes, escamas ou barbatanas acabando a pressão da rede na garganta por provocar o levantamento das guelras e a passagem do fio da rede por baixo das mesmas ficando o peixe definitivamente preso. Além de poderem ser feitas em função do perímetro, o tamanho da malha também pode ser calculado em função do peso do peixe. As redes de emalhar podem ser constituídas por três panos ou por dois panos o que permite capturar vários tamanhos de peixes uma vez que os panos possuem tamanhos de malha diferentes. Na região, há uma grande quantidade de sardinha pescada que varia de peso durante o período de captura sendo este mais significativo no período da desova, o que justifica a escolha das redes cuja malha tenha sido calculada em função do peso. Porém a legislação condiciona o tamanho da malha a ser utilizada. Para a captura da sardinha o comprimento médio da malha de meio nó a meio nó é de 30 – 43mm.

Nesta modalidade de pesca a rede deverá ser constituída por fios ou filamentos muito finos e manter-se ligeiramente folgada para evitar que o peixe recue ou se desvie. As redes de emalhar classificam-se em função da sua posição relativamente ao fundo ou à superfície do mar. Assim, podem ser redes de emalhar de fundo normais, redes de emalhar semipelágicas de fundo, redes de emalhar flutuantes de superfície e redes de emalhar flutuantes semipelágicas. Quanto à sua fixação ou movimento as redes de emalhar podem ser fixas, de deriva ou rebocadas.

Entre as vantagens da utilização de redes de emalhar podem-se referir “escolher do tamanho do peixe a capturar”; a pesca em “fundos fundos duros ou mesmo inacessíveis a redes de arrasto”; “menor consumo de combustível”; a utilização de pequenas embarcações e “não se danifica os fundos”. (MIRANDA, 1993) Porém, de um modo geral, há a salientar que há também inconvenientes tais como alguns peixes capturados libertam-se das redes outros serão rejeitados quando capturados em excesso ou quando se lavam as redes. Outra desvantagem é “no caso de se perderem redes, situação que é muito comum, estas continuarão a matar peixe até se enrolarem completamente no fundo” (MIRANDA, 1993).



Figura 5: Redes de cerco

As redes de cerco “capturam o peixe envolvendo-o pelos lados e por baixo, o que impede a sua fuga por baixo da rede quando em águas profundas” (MIRANDA, 1993) As redes de cerco podem ser com retenida ou sem retenida (lâmpara). O primeiro tipo possui uma retenida que permite fechar a rede como uma bolsa, pode atingir grandes dimensões e são manobradas por uma ou duas embarcações. A segunda possui um saco central e duas asas laterais o que permite reter os cardumes. Este tipo de rede, representado na Figura 5, é utilizado a partir de uma só embarcação e de reduzida tonelagem.

Tresmalhos

Os tresmalhos são “redes fundeadas junto ao fundo e constituídas por três panos de rede verticais sobrepostos, os dois exteriores com malhagem superior à do pano central, o qual tem uma maior altura. Os peixes enredam-se no pano interior após terem atravessado os panos exteriores”. (LEITE, 1989)

Armadilhas

São estruturas com uma ou mais aberturas, destinadas a capturar peixes, crustáceos e cefalópodes. As presas depois de entrarem têm dificuldade em sair. Normalmente são assentes em grupos ou isoladamente sobre os fundos, ligadas por uma baixada a um cabo chamado madre, constituindo as chamadas teias. Também

podem ser caladas a meia água. Na Figura 6 estão representadas três tipos de armadilhas.



Figura 6: Tipos de armadilhas utilizadas na Póvoa de Varzim

As armadilhas para peixes podem ter formas geométricas variadas. Normalmente possuem uma armação metálica coberta por rede de metal, de plástico ou de pesca, possuindo uma ou mais aberturas laterais. Os andiches, construídos com rede de pesca, são orientados horizontalmente e apresentam uma forma tronco-cónica cuja base menor se situa no interior da armadilha e tem dimensões adaptadas ao tamanho máximo da espécie a capturar.

As armadilhas para cefalópodes podem ser de três tipos, alcatruzes, covos e murejonas. Os alcatruzes para polvos, actualmente são potes de plástico com 40 a 50 centímetros de boca e são armadilhas que não são iscadas. É de salientar que as alcatruzes são uma arte característica da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde

Palangres

“Os palangres são aparelhos de anzol que podem ser fundeados, de fundo ou de meia água, ou derivantes, de superfície ou de profundidade, imersos vertical ou horizontalmente durante um período de tempo que pode ir de algumas horas a alguns dias. São normalmente calados ao ensejo da manhã ou da tarde, e podem visar a captura de espécies demersais ou pelágicas. Os palangres são constituídos por uma linha principal, a madre, à qual se encontram ligadas linhas secundárias, os estralhos, terminadas por uma anzol, conjunto que é colocado em pesca através de um dado

armamento. (LEITE, 1989) Os palangres, Figura 7, podem ser fundeados que são colocados no fundo ou perto dele ou derivantes que são mantidas à superfície ou a uma certa profundidade por intermédio de bóias regularmente distribuídas.



Figura 7: Palangre

Linhas de corrico

“Esta tecnologia de pesca, utilizada sobretudo por embarcações de pequeno ou médio porte, permite a captura de peixes pelágicos perto da superfície e resulta do reboque, efectuado por uma embarcação, de um certo número de linhas de pesca com anzol e amostra (isco artificial).” (LEITE, 1989)

1.3.3- Capturas por tipo e arte de pesca

“Na pesca bentónica, muitas vezes também chamada pesca demersal, a captura de recursos vivos marinhos incide sobre as espécies que vivem junto ao fundo do mar, especialmente na plataforma continental e na zona superior do talude continental, e tem fornecido a maior parte do peixe consumido pelo homem. Neste tipo de pesca utilizam-se as redes de arrasto pelo fundo, as redes de emalhar, as armadilhas e os aparelhos de anzol. A pesca pelágica visa a captura de espécies que vivem à superfície ou sub-superfície, a meia água ou aloradas do fundo, quer sobre a plataforma ou o talude continentais (sardinha, anchova, cavala, biqueirão, esparídeos, algumas espécies de atum, etc.). Neste tipo de pesca utilizam-se as redes de arrasto pelágico, os palangres derivantes, as linhas de corrico, as redes de cerco, as redes de emalhar de deriva, as linhas de salto e vara.” (Leite, 1989)

Actualmente as redes de cerco são utilizadas preferencialmente para a captura de sardinha e cavala, as redes de emalhar para uma grande variedade de peixes, os palangres e o corrico para a pescada e peixe espada. As armadilhas são utilizadas para a captura de peixes embora sejam mais utilizadas para os polvos.

1.4 APOIOS PARA A ACTIVIDADE PISCATÓRIA

A comunidade piscatória da Póvoa de Varzim foi-se desenvolvendo com o aparecimento de infra-estruturas que tornaram mais segura a actividade, quer no mar, quer em terra. As que mais contribuíram foram a Capitania do Porto, os estaleiros da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde, a Docapesca Lotas e Portos, a escola profissional Forpescas e as Indústrias ligadas ao sector das pescas em especial as de conservas.

Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

“Os departamentos marítimos, capitánias e delegações aparecem em 27 de Julho de 1882 por carta de Lei promulgada por D. Luís, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves A PV tinha uma delegação da capitania do Porto e só em 1914 é elevada a capitania”. (Azevedo, 2007).

“As Capitánias, e muito principalmente os capitães dos portos tiveram papel importante nessa reviravolta. Coube às capitánias zelar pelo cumprimento das leis de navegação, controlo das matrículas de pessoal a bordo, fiscalização de peixe desembarcado, caça às redes com malhas ilegais, vistorias às embarcações e aparelhos de navegação, criação de rápidos meios de salvamento em casos de mau tempo, para além de outras funções para a valorização e defesa dos interesses do pessoal da pesca. O capitão do posto sempre funcionou mais como conselheiro do que como juiz”. (Azevedo, 2007).

Como a Marinha precisava de recensear todos os barcos e indivíduos que se empregassem na actividade da pesca, era necessário definir regras e elaborar estatísticas. Assim, os registos deviam ser precisos nos nomes e tipos de embarcações e, sobretudo, o conhecimento rigoroso dos tripulantes embarcados e

desaparecidos em caso de naufrágio. Esta necessidade foi superada com “a publicação do 1º Regulamento da Inscrição Marítima em 1892 que obrigava o pescador a possuir uma cédula marítima para exercer as suas actividades de pesca. Para adquirir este documento – uma carteira profissional nos dias de hoje – o candidato a pescador teria de deslocar-se à Capitania e apresentar a ressalva militar, certidão de idade ou duas testemunhas para confirmar a sua identidade. Eram exigidas, ainda duas fotografias tipo passe: uma seria aposta na cédula e a outra no livro de inscrição marítima à Guarda da Capitania. Nesse livro, ao longo dos anos, anotava-se o currículo do pescador” (Azevedo, 2007).

Na década de cinquenta, procedeu-se à construção do Porto de Pesca da Póvoa de Varzim na enseada da Póvoa de Varzim, também conhecida como Baía ou Angra da Póvoa. No molhe sul do porto, está localizada, a Marina da Póvoa de Varzim. A construção do porto tornou mais segura a entrada das embarcações o que se reflectiu no crescimento da actividade piscatória.

Estaleiros

Como refere Azevedo (2007), “no séc. XVI já se falava da arte de construção da Póvoa. Embora os estaleiros nunca fossem suportados por grandes e modernas estruturas, eram especialistas em barcos de boca aberta – lanchas, batéis, catraias e caícas – e reparações”. A indústria de construção naval em finais do séc. XIX era suficiente para dar vazão às encomendas de novas construções para a Póvoa, para as Caxinas e outros locais (Azevedo, 2007). O aumento da população contribuiu para que os espaços ocupados pelos estaleiros fossem utilizados para outros fins. Essa redução de espaços juntamente com a necessidade de tecnologias necessárias para a construção das novas embarcações provocou o declínio da indústria naval na Póvoa de Varzim que se encontra reduzida a uma empresa.

Além dos estaleiros da Póvoa, a existência dos Estaleiros de Vila do Conde foi, desde sempre, um forte apoio à actividade piscatória da Póvoa de Varzim. “A antiguidade dos estaleiros de construção naval em madeira da nossa terra é difícil de situar no tempo. No primeiro documento conhecido onde Vila do Conde é citada, e que é uma carta da venda da parte que nesta vila lhe tocava, que faz Flamula, filha de Paio e Ibéria, ao abade Gonta do cenóbio de Guimarães, datada de 26 de Março de 953.(...) A partir dessa data os estaleiros foram crescendo vindo a atingir grande prosperidade com as conquistas do Norte de África. Por essa altura a

fama dos carpinteiros e calafates é grande e chega à capital do reino. Em finais do século XVI a decadência dos estaleiros era notória. Começava por esta altura a primeira grande crise dos estaleiros que se viria a repetir posteriormente chegando aos dias de hoje motivados pela política governamental para o sector em especial o abate das embarcações sem substituição respectiva. Actualmente a crise instalada é de certo modo preocupante.” (Santos, 1994)

Docapesca Portos e Lotas, S.A.

A Delegação da Docapesca Portos e Lotas S.A. na Póvoa de Varzim, tem a seu cargo a prestação de serviços da primeira venda de pescado

Presta também um conjunto de serviços de apoio a armadores, pescadores, comerciantes de pescado e outros clientes, dos quais se salientam: venda de gelo e combustíveis. É, além disso, a entidade que detém e trata os dados relativos ao pescado transaccionado nas lotas do continente.

Escola de pesca

Actualmente, em Portugal, a actividade de pescador é uma profissão regulamentada, pelo que o ingresso e a progressão na carreira exigem adequada formação profissional, a fim de conferir aos marítimos as competências necessárias ao desempenho das funções a bordo.

A formação profissional no sector da pesca na região da Póvoa de Varzim é ministrada pelo Forpescas - Centro de Formação Profissional para o Sector das Pescas que permite a formação em todos os domínios da pesca: mestrança, marinhagem e máquinas marítimas, segurança básica, construção naval, transformação do pescado e aquicultura.

Em 2005, foi atribuído à Póvoa de Varzim o “Prémio Nacional – Municípios do Futuro”. Num estudo posterior, em que foram analisados 308 municípios portugueses, a Póvoa de Varzim obteve o 7º lugar no ranking nacional quanto a “qualidade de vida” e o 1º lugar quanto a “desenvolvimento” (...) “Para este reconhecido salto qualitativo no “desenvolvimento social” contribuiu a melhoria da vida na comunidade piscatória tanto no aspecto económico como cultural... O que há uma trintena de anos era

impensável, hoje é uma agradável evidência. O pescador não é mais o analfabeto que esperava em terra que o mar acalmasse, para a bordo de frágeis barcos de vela e remos, ganhar para o sustento da família (...) A partir dos anos sessenta, com o aparecimento das motoras, das lotas, dos descontos para a Segurança Social, do aparecimento das escolas de pesca, linhas de crédito, emigração desenfreada para embarcações estrangeiras de pesca (na sua maioria pavilhão espanhol) e, sobretudo, embarques bem pagos em navios de comércio e plataformas de petróleo, o bem-estar da comunidade piscatória deu um salto de gigante. Em poucos anos tudo se transformou”. (Azevedo, 2007)

“Com a descoberta de novas artes de pesca, aparecimento de embarcações cada vez maiores e mais bem apetrechadas, com abandono definitivo de barcos de vela e remos e a integração da grande colónia de pescadores emigrados, as mentalidades mudaram. Acresce ainda o interesse pela escola dos mais novos e a proliferação das unidades de Formação de Pescas. Hoje nas escolas de pescas e nos centros de formação profissional para o sector das pescas, os pescadores conseguem um conjunto de conhecimentos de grande utilidade para a sua arte” (AZEVEDO, 2001).

Empresas de conservas

As empresas ligadas ao sector das pescas permitiram, ao longo dos anos, o escoamento do pescado capturado e o emprego a muitos poveiros. A partir do estudo elaborado por Duarte (2001) sobre o sector conserveiro português, constata-se que o número de fábricas de conservas de peixe existentes na Póvoa de Varzim em 1971 era de 10 unidades. Desde essa data até 1999 o número de fábricas diminuiu para seis unidades. Apesar da redução do número de fábricas, a produção de conservas aumentou registando-se o máximo em 1986. (Gráfico B.1 do Anexo) A Póvoa de Varzim, “apesar da quebra registada, era o quarto principal centro conserveiro do País (4.803 toneladas produzidas em 1999), é uma região particularmente votada para a transformação de produtos da pesca. As seis fábricas ocupam cerca de 550 postos de trabalho directos” (Duarte, 2001).

2. METODOLOGIA

2.1- CONSULTA, REGISTO E TRATAMENTO DE DADOS

Os dados necessários para o estudo em questão foram obtidos em vários locais. Inicialmente começou-se por fazer as diligências burocráticas necessárias para consultar os registos existentes na capitania da Póvoa de Varzim e na Docapesca Portos e Lotas, SA. Depois de autorizadas as consultas documentais, procedeu-se ao seu registo.

Na Docapesca Portos e Lotas, foram consultadas as publicações referentes à *Informação Anual Vendas de Pescado* (1998, 1999, 2000 e 2001), os fascículos do ano de 2002 sobre *Pescado transaccionado (Números Provisórios)*, as tabelas sobre *Pescado Transaccionado por Delegação* (2002, 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007) e *Informação estatística por Artes de Pesca* (2003, 2004, 2005, 2006 e 2007). Para complementar a recolha de dados, passou-se à consulta de dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística (INE) nas publicações das *Estatísticas da Pesca* (1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007) e outros. Comparando os valores da pesca descarregada, segundo as espécies, nos dois registos, verificou-se que os valores do INE eram superiores aos da Docapesca Portos e Lotas porque correspondiam à “quantidade do pescado transaccionado em lota acrescida das estimativas da fuga à lota para estimativa do equivalente em peso vivo”. Assim, optou-se por utilizar apenas os registos do INE. Quanto aos restantes registos foram utilizados de acordo com a origem.

Para a análise do número de embarcações registadas e do número de artes de pesca licenciadas foi feita uma consulta aos arquivos da Capitania da Póvoa de Varzim. Relativamente ao número de pescadores matriculados, optou-se por analisar apenas os registos dos anos 2002, 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007 devido a algumas dificuldades tais como o horário dos serviços e a cedência dos registos que obedecem a metodologias de arquivo próprios. Para colmatar a falta de dados, fez-se uma

análise do número de pescadores matriculados na Região Norte a partir do registo estatístico do INE.

2.2- ENTREVISTAS

Após a recolha de dados sobre as embarcações, pescadores matriculados e as artes de pesca utilizadas que contribuíram para uma visão mais realista da situação, passou-se à fase das entrevistas.

Optou-se pela utilização de entrevistas semi-estruturadas uma vez que o objectivo das mesmas era conhecer a opinião dos pescadores sobre a situação do sector das pescas na Póvoa de Varzim nos últimos dez anos.

Para a elaboração do roteiro da entrevista (Guião da Entrevista do Apêndice B), inicialmente, seleccionaram-se quatro tópicos: actividade profissional, embarcações, artes de pesca e recursos piscícolas. Posteriormente elaboraram-se questões para cada um dos tópicos. Relativamente à actividade profissional procurou-se saber: a idade em que iniciaram a actividade, a formação, há quanto tempo estavam na pesca, se se tinham ausentado do país e porquê e quais as funções desempenhadas no barco. Quanto às embarcações e artes de pesca as questões focavam as artes que eram mais utilizadas e a evolução das condições nas embarcações. Para o último tópico as questões incidiram sobre o estado actual dos recursos pesqueiros e que factores têm contribuído para esse estado.

Após a elaboração do guião da entrevista, decidiu-se entrevistar apenas doze indivíduos. Procurou-se contactar pescadores mais velhos, pescadores com alguns anos de actividade e pescadores jovens com poucos anos de actividade. Relativamente à escolaridade, não se procurou que os entrevistados tivessem graus de escolaridade diferentes.

Passou-se, a seguir, à segunda etapa que consistiu em contactar, seleccionar e convidar vários pescadores marcando as entrevistas. Como nas primeiras quatro entrevistas havia pescadores de diferentes idades optou-se por mudar a estratégia. Assim, as restantes entrevistas foram feitas no cais enquanto os entrevistados preparavam as artes de pesca ou simplesmente estavam com os companheiros.

Durante o período de recolha de informação também foram encetadas conversas com outros pescadores, funcionários administrativos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim e da Docapesca Portos e Lotas SA em que se foram colocando as questões posteriormente abordadas, de forma mais organizada, nas entrevistas.

2.3- APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

De todos os dados recolhidos foram feitas tabelas que se encontram no Anexo B e gráficos que permitiram uma visão mais clara sobre a actividade piscatória na Póvoa de Varzim na última década.

Para as embarcações, os registos apresentados em gráficos, referem-se ao total de embarcações matriculadas na Capitania da Póvoa de Varzim utilizadas na pesca costeira e local. As artes de pesca foram divididas em artes de pesca costeira e artes de pesca local e, nos dois casos, foram elaborados gráficos com a totalidade de artes licenciadas e para cada tipo de arte de pesca: redes de emalhar com um pano fundeadas e derivantes, artes de pesca de arrasto, pesca à linha e armadilhas. Relativamente ao pescado, os dados recolhidos foram apresentados em gráficos sendo o primeiro sobre o pescado transaccionado por tipos e artes de pesca e sobre a pesca polivalente e de cerco descarregadas na Póvoa de Varzim. Também se registou em gráfico a pesca descarregada segundo as espécies.

Para a análise do número de pescadores matriculados, fez-se um registo do número total de pescadores matriculados no continente no período de 1998 a 2007 que permitiu estabelecer uma comparação com os pescadores matriculados na Póvoa de Varzim em 2003, 2004, 2005, 2006 e 2007. A partir da análise documental da Capitania da Póvoa de Varzim elaboraram-se gráficos com o número de pescadores matriculados na Capitania nos tipos de pesca costeira e local.

A partir do registo das entrevistas, feito com um gravador de voz e alguns apontamentos, fez-se a análise das respostas. Uma vez que, as entrevistas efectuadas foram semi-estruturadas e não são estatisticamente representativas, a partir das informações recolhidas e da interpretação dos fragmentos dos discursos dos entrevistados, elaborou-se um texto com o objectivo de ilustrar a opinião dos

pescadores sobre a situação do sector das pescas na Póvoa de Varzim. O texto foi organizado a partir do guião da entrevista, sendo referido primeiro a formação académica e/ou profissional dos entrevistados, a relação dos descendentes com a pesca, os locais de trabalho, e as funções desempenhadas. Em seguida as opiniões sobre as artes de pesca, o tipo de capturas, a evolução das embarcações e por fim o estado dos recursos pesqueiros.

3. ANÁLISE DOS DADOS ESTATÍSTICOS REFERENTES À COMUNIDADE PISCATÓRIA

3.1. EMBARCAÇÕES REGISTRADAS NA CAPITANIA DA PÓVOA DE VARZIM

A frota de pesca nacional, entre 1998 e 2007, apresentou uma diminuição de 2.552 registos de embarcações. O número de novas embarcações tem vindo a diminuir e, excepto no ano de 2002, foi sempre muito inferior ao número de embarcações que saíram da frota de pesca. (Tabela A.1 do Apêndice)

Na Região Norte (NUTS II), que engloba seis portos de Viana do Castelo, cinco portos da Póvoa de Varzim e doze portos de Matosinhos, verificou-se que durante o período compreendido entre 1998 e 2007 houve a saída de 1 045 embarcações tendo ocorrido o maior número de demolições nos anos de 1998, 2001 e 2005. O número de navios naufragados tem diminuído não havendo registo de nenhuma ocorrência em 2007. Relativamente a embarcações entradas na frota da região Norte, o maior número de registos ocorreu em 1999 e 2001. Nos anos de 1998, 2000 e 2002 o número de novas embarcações registadas foi significativo porém, a partir de 2003, tem vindo a diminuir tendo havido apenas 32 registos em 2007. Verificou-se que o número de embarcações entradas para a frota na região Norte não equivale ao número de embarcações saídas e, pode-se mesmo dizer, que o saldo tem sido negativo. (Tabela A.2 do Apêndice)

As embarcações de pesca com motor encontram-se registadas para a pesca local, pesca costeira e pesca longínqua. O Gráfico 4 ilustra a variação do número de embarcações registadas na Capitania da Póvoa de Varzim relativamente à pesca costeira e local.

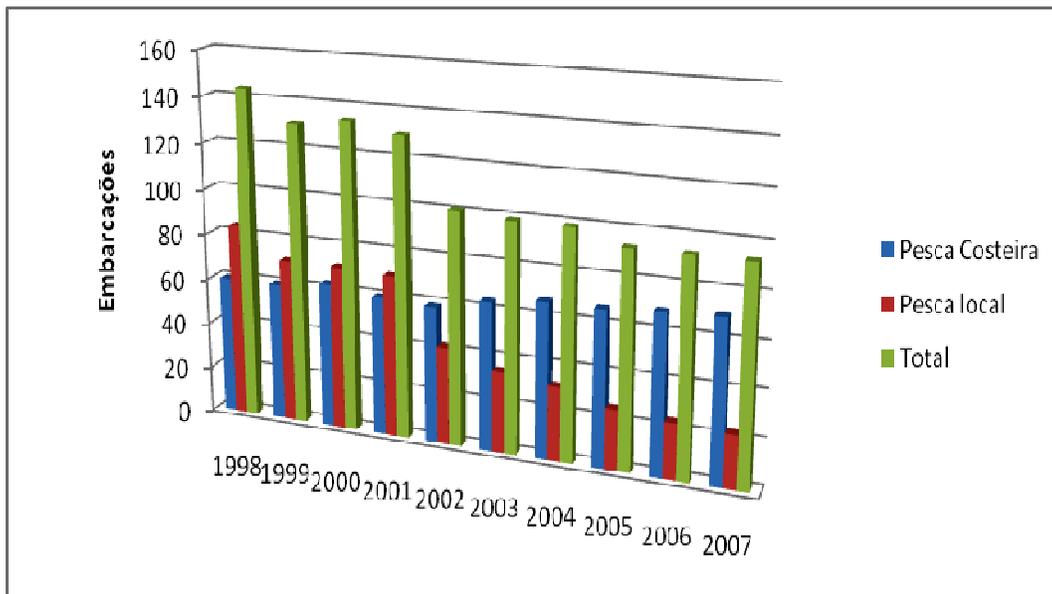


Gráfico 4: N.º de embarcações registadas na Capitania da Póvoa de Varzim
 Fonte: Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim

Verificou-se que o número de embarcações registadas para a pesca local teve, durante o período de estudo, uma redução acentuada. Entre 2001 para 2002 verificou-se uma significativa diminuição no número de embarcações registadas que coincidem com o elevado número de demolições que ocorreram na região Norte em 2001. Entre 2002 e 2007 o número de registos continuou a diminuir. De 1998 até 2007 houve uma redução superior a 50%. (Tabela A.4 do Apêndice)

Relativamente às embarcações de pesca costeira houve a entrada de três embarcações no ano 2000. Até 2002 saíram da frota registada apenas quatro embarcações e, a partir desse ano, tem-se verificado um aumento de embarcações. De 1998 até 2007 foram registadas 10 embarcações para a pesca costeira. (Tabela A.4 do Apêndice).

3.2. ARTES DE PESCA COSTEIRA

Na pesca costeira o número de licenças atribuídas pela Direcção Geral das Pescas e Aquicultura (DGPA) foi mais elevado para as artes com redes de emalhar, seguindo-se a pesca à linha, as redes de tresmalho fundeadas e por fim as armadilhas como se pode verificar no Gráfico 5. As licenças para as redes cerco para bordo, o arrasto e as redes de emalhar de um pano derivantes são inferiores mas têm vindo a aumentar. (Tabela A.5 do Apêndice)

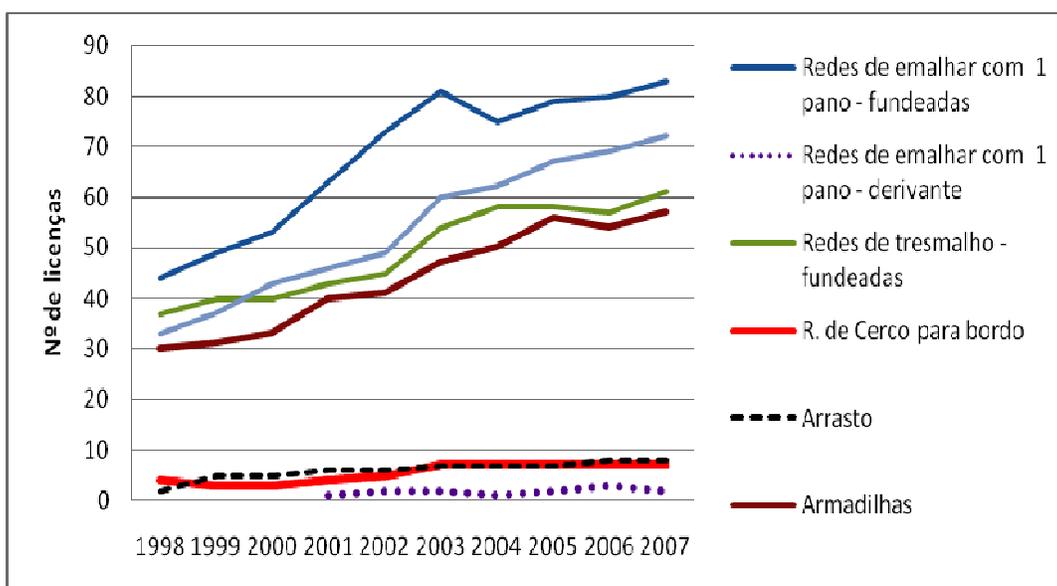


Gráfico 5: Total de artes licenciadas para a pesca costeira.
(Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

O número de licenças para redes de emalhar de um pano de fundo aumentou gradualmente até 2003. Seguidamente o número de licenças diminuiu e voltando a aumentar até 2007. Em dez anos houve um aumento de 39 licenças.

O Gráfico 3 representa o número de licenças atribuídas pela D.G.P.A. para a utilização de redes de emalhar com diferentes malhagens. O maior número de licenças atribuído foi para as redes com malha entre 80 a 99mm seguida da de 60 a 79mm. O número de licenças para redes com malha maior ou igual que 100mm têm aumentado desde 2003. O pequeno número de licenças para as redes com malha

entre 35 a 40mm começou a ser atribuído, no período em estudo, em 2001. (Tabela A.6 do Apêndice)

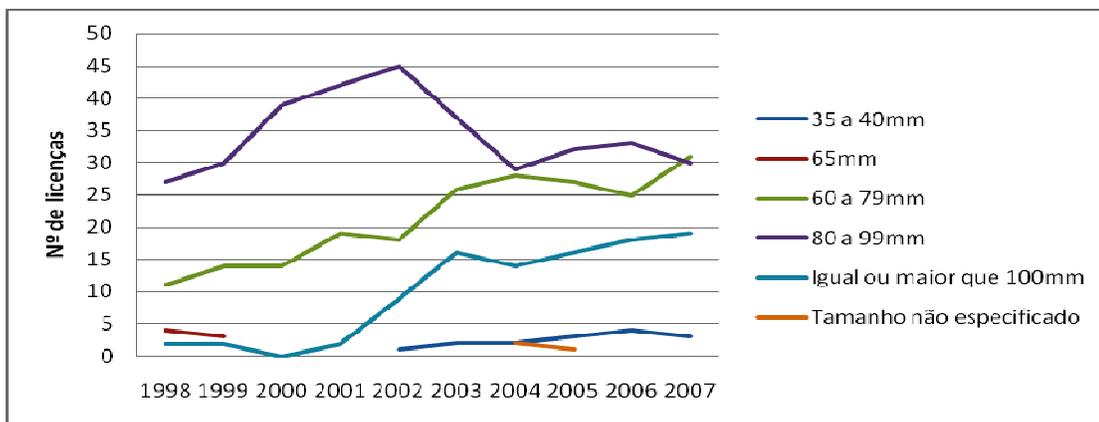


Gráfico 6: Nº de licenças para redes de emalhar com um pano fundeadas. (Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

Conforme se pode verificar no Gráfico 7 que ilustra o número de licenças atribuídas pela D.G.P.A. para a utilização de redes de emalhar, derivante, com um pano, em 2001 houve a atribuição de uma licença para as redes de emalhar derivante, com um pano, com a malha de 35 a 40mm. Em 2002, 2003, 2005 e 2007 foram atribuídas duas licenças. Apenas em 2006 houve a atribuição de três licenças.

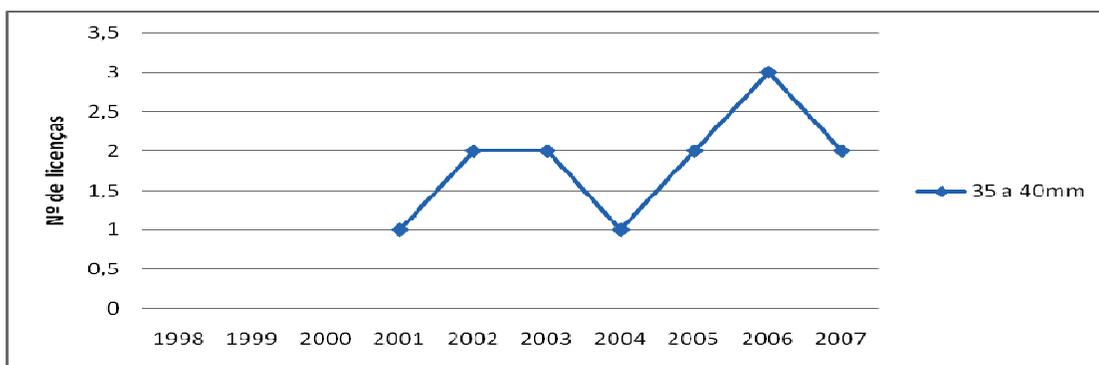


Gráfico 7: Nº de licenças para redes de emalhar derivante com um pano. (Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

As redes de tresmalho fundeadas têm vindo a ser mais solicitadas pelos pescadores e o número de licenças atribuídas tem vindo a aumentar. Em 1998 havia 37 licenças para a referida arte e, em 2007, houve um acréscimo de 24 autorizações.

Relativamente à arte de pesca com redes de cerco para bordo, verificou-se que o número de licenças aumentou até 2003 e manteve-se até 2007 com 7 licenças atribuídas.

A arte de pesca com redes de cerco para bordo, desde 2003, tem mantido o mesmo número de licenças, 7. Entre 1998 e 2002 o número de licenças atribuídas foi de 4, 3, 3, 4, e 5 respectivamente.

As licenças atribuídas pela D.G.P.A. para a utilização de artes de pesca de arrasto têm aumentado gradualmente como se pode verificar no Gráfico 8. Em 1998 apenas se registaram 2 licenças, aumentaram para 5 no ano seguinte e em 2007 houve 8 autorizações. O arrasto de vara é o que tem registado um maior número de licenças atribuídas. (Tabela A.7 do Apêndice)

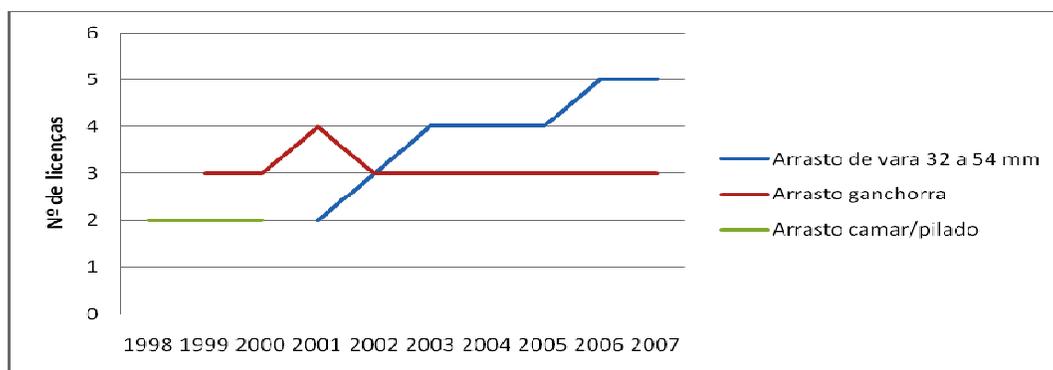


Gráfico 8: N.º de licenças para arte de pesca de arrasto.
(Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

Na Gráfico 9, regista-se o número de licenças atribuídas pela D.G.P.A. para a utilização de três tipos de artes de pesca à linha utilizados na região. Em 1998 o número de licenças para a utilização do palangre de fundo foi de 33 e continuou a aumentar até às 72 licenças registadas em 2007. Para a pesca com o palangre de superfície verificou-se que a primeira licença, durante o período de estudo, ocorreu em

2001. Nos últimos dois anos, 2006 e 2007 foram atribuídas seis licenças. (Tabela A.8 do Apêndice)

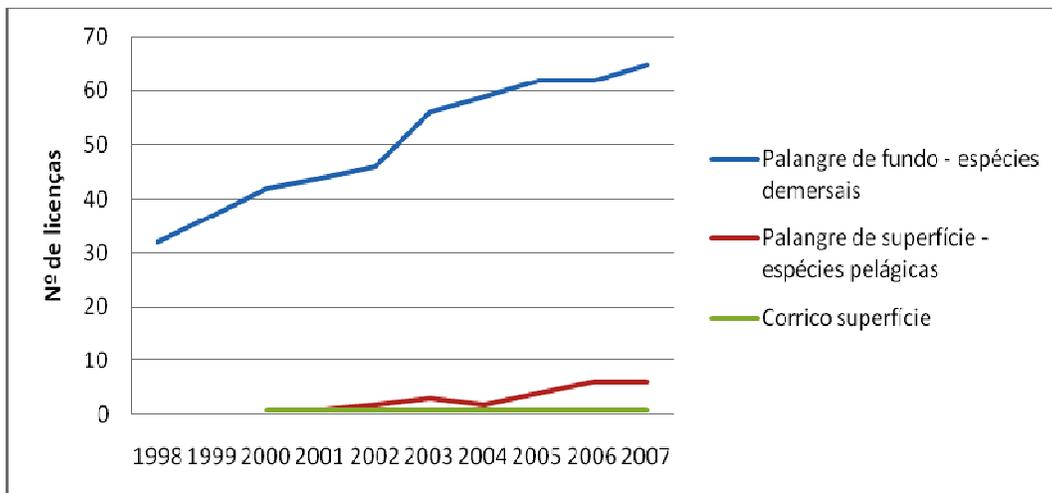


Gráfico 9: N.º de licenças para pesca à linha.
(Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

Para a pesca com armadilhas, como se pode verificar no Gráfico 10, as licenças atribuídas pela D.G.P.A. para a utilização de covos cessou em 2000 tendo havido um aumento significativo nas licenças para gaiolas. Porém, o maior número de licenças atribuídas foi para a utilização de alcatruzes que de 15 licenças passaram para 38 em 2007. (Tabela A.9 do Apêndice)

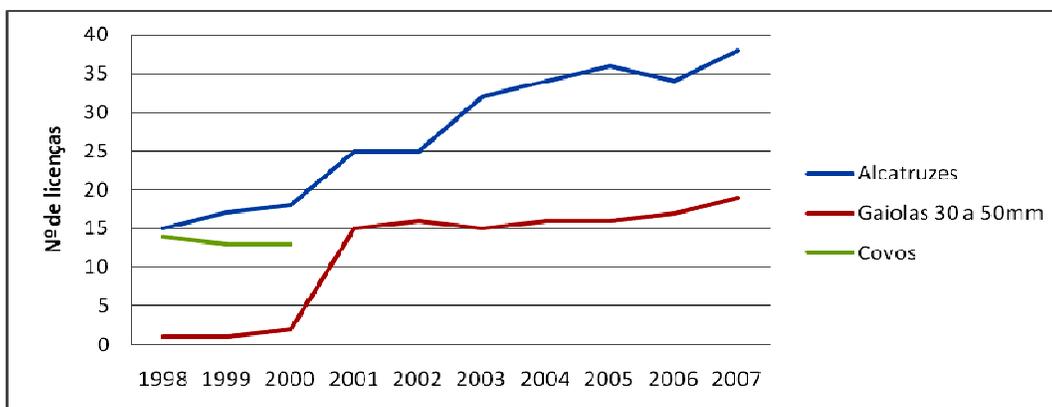


Gráfico 10: Número licenças para armadilhas de pesca.
(Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

3.3. ARTES DE PESCA LOCAL

As artes mais licenciadas para a pesca local são as redes de emalhar, as armadilhas, os tresmalhos fundeados e o palangre de fundo. Relativamente ao número de licenças atribuídas pela D.G.P.A. registou-se um aumento desde 1998 até 2007 conforme se mostra no Gráfico 11. Das artes licenciadas salientam-se as armadilhas que são em maior número seguindo-se as redes de emalhar, o palangre de fundo e por fim o tresmalho de fundo. A partir de 2004 o número de licenças diminuiu excepto para a utilização de armadilhas. (Tabela A.10 do Apêndice)

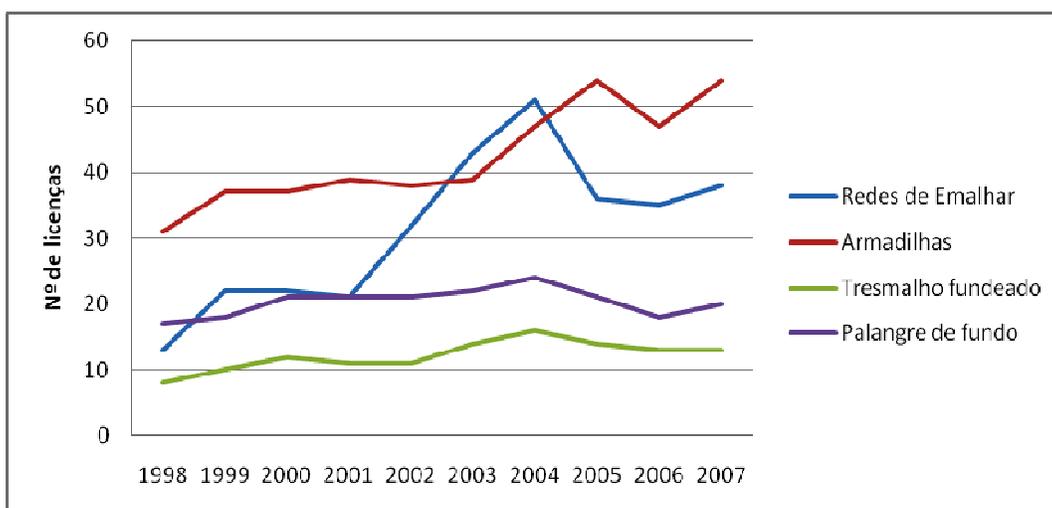


Gráfico 11: Total de artes licenciadas para a pesca local. (Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

O Gráfico 12 apresenta o número de licenças atribuídas para as armadilhas utilizadas na pesca local. Verificou-se que o número de licenças atribuídas para a utilização de bombos se manteve sem grandes alterações. Enquanto as licenças para covos deixaram de ser atribuídas em 2000, há apenas o registo de uma licença em 2006, as licenças para gaiolas passaram a ser atribuídas a partir de 2001. As primeiras licenças para a utilização de boscas foram atribuídas em 2004. Para a utilização de alcatruzes registou-se um aumento de licenças em 2004 mas que tem vindo a diminuir. (Tabela A.11 do Apêndice)

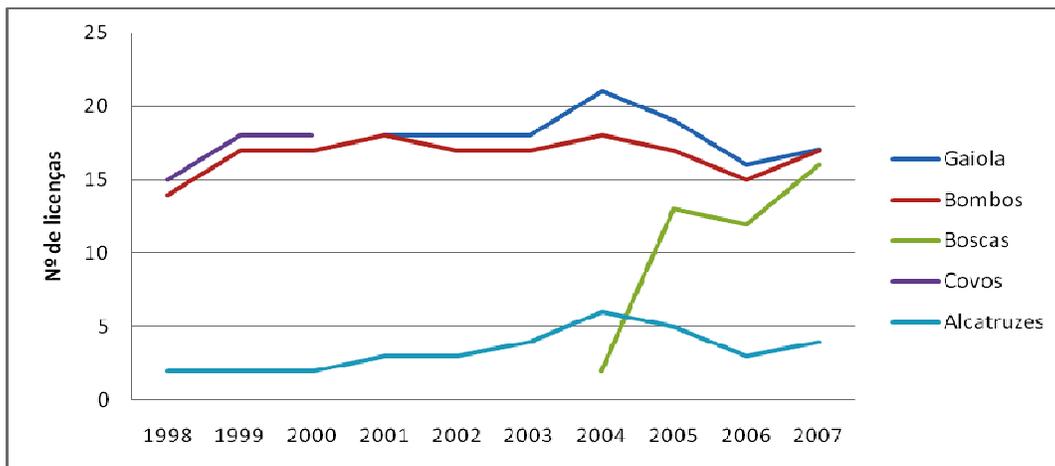


Gráfico 12: Número de armadilhas licenciadas para a pesca local. (Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

Em 1998 as redes de emalhar mais utilizadas na pesca local eram as de malhagem 80 a 99mm conforme se regista no Gráfico 13. Em 1998 registou-se uma licença para redes de emalhar com malhagem de 60 a 79mm. O número de licenças foi aumentando e em 2001 foi superior ao número de licenças para as redes de malhagem superior. As redes com malhagem superior a 100mm começaram a ser autorizadas em 2002. Em 2004 houve seis licenças havendo posteriormente uma redução. Relativamente às licenças para a utilização de redes de tresmalho de fundo verificou-se que até 2002 aumentaram, nos dois anos seguintes diminuíram para onze licenças. Em 2004 foram atribuídas dezasseis licenças e nos dois últimos anos apenas houve registo de treze licenças. (Tabela A.12 do Apêndice)

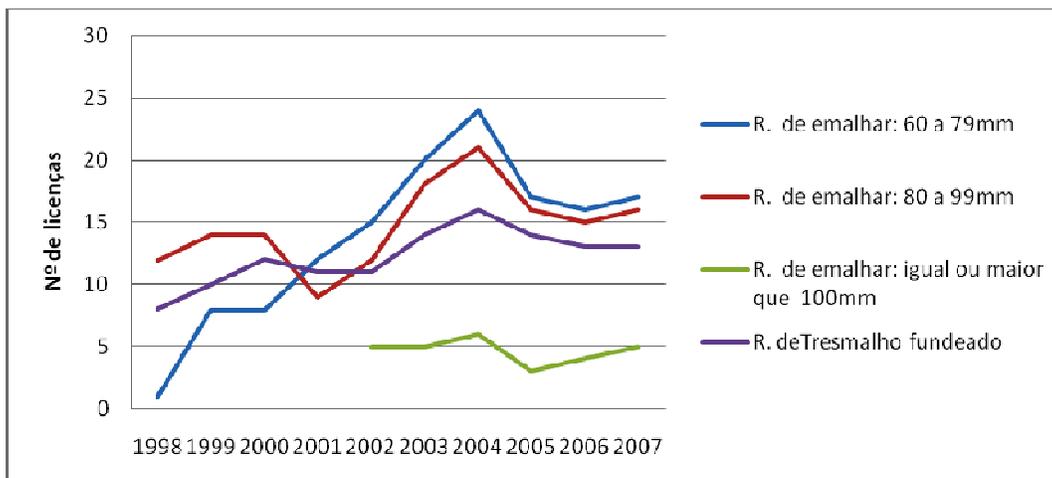


Gráfico 13: Número de licenças para redes de emalhar e tresmalho de fundo.
 Fonte: Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim

No Gráfico 14 regista-se o número de licenças para a utilização de palangre de fundo. O número de licenças para esta arte de pesca manteve-se constante durante três anos, 2000 a 2002, posteriormente aumentou até 2004 como as restantes artes de pesca local. De 2004 até 2006 o número de licenças diminuiu tendo-se registado um aumento em 2007. (Tabela A.12 do Apêndice)

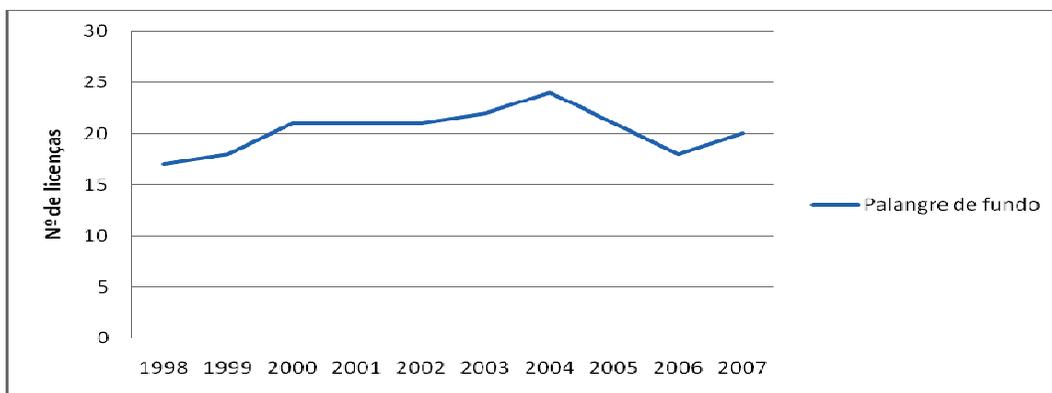


Gráfico 14: Número de licenças para palangre de fundo. (Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

3.4. PESCADO

Pescado transaccionado por artes de pesca

O Gráfico 15 regista a variação do volume de pescado transaccionado na Póvoa de Varzim resultante da pesca costeira polivalente e de cerco. Pela análise do gráfico verifica-se que a pesca costeira, diminuiu até ao ano de 2000 aumentando de novo em 2001. A partir de 2005 registou-se uma tendência para o aumento de pescado transaccionado.

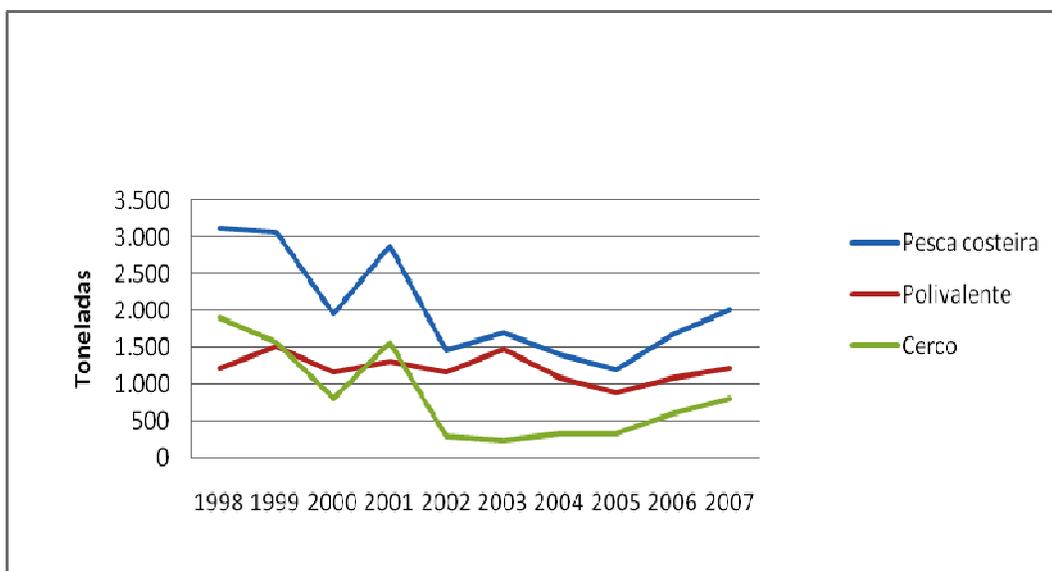


Gráfico 15: Pescado transaccionado por tipos e artes de pesca (t).
Fonte: DOCAPESCA Portos e Lotas, S.A.

O volume de pescado capturado com artes de pesca polivalente foi superior ao capturado com as artes de pesca de cerco. Na pesca polivalente, entre 1998 e 2007, o volume de pescado capturado oscilou entre 1.509t e 888t em 2005 tendo-se registado em 2007 um valor próximo do capturado em 1998. Por outro lado, o pescado capturado com artes de cerco registou um volume de 1.893t no ano de 1998 e em 2002 um volume de 229t. A partir de 2005 verificou-se um aumento que atinge 803t em 2007. (Tabela A.13 do Apêndice)

Na pesca costeira polivalente utilizaram-se vários tipos de artes de pesca que permitiram a captura de peixes diádromos, peixes marinhos, crustáceos, moluscos e outros produtos. O Gráfico 16 apresenta a quantidade de pescado descarregado na Póvoa de Varzim resultante da pesca polivalente.

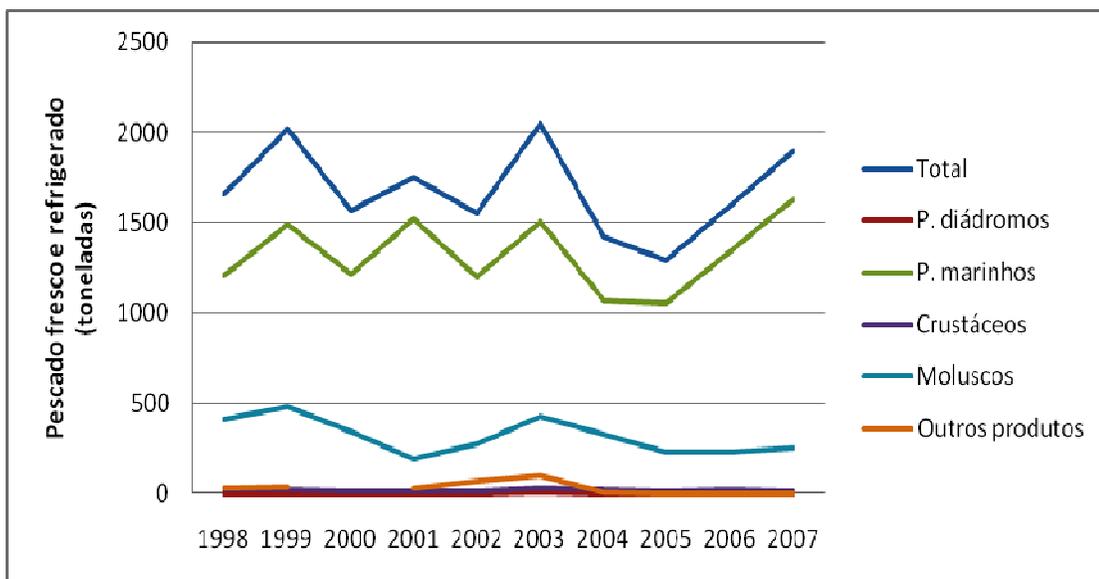


Gráfico 16: Pesca polivalente descarregada na Póvoa de Varzim.

Fonte: INE (<http://www.ine.pt/>)

Da análise de dados verifica-se que o maior volume de pescado foi de peixes marinhos. A quantidade de peixes diádromos capturados atingiu o máximo de 3t em 2003. A partir de 2004 tem-se mantido o mesmo volume de pescado. A pesca de crustáceos ultrapassou as 20t em 2003 e 2006. Nos restantes anos o volume capturado oscilou entre 11t em 2000 e 16t em 1998,1999 e 2004. Em 2007 o volume pescado foi de 15t. (Tabela A.14 do Apêndice)

O pescado descarregado na Póvoa de Varzim proveniente da pesca de cerco foi constituído apenas por peixes marinhos como se regista no Gráfico 17. De 1998 até 2000 o volume de pescado diminuiu para menos de metade. Em 2001 verificou-se um aumento nas capturas tendo atingido valores idênticos ao ano de 1999. Em 2002 verificou-se uma descida acentuada que se agravou no ano seguinte. A partir de 2004

o volume aumentou tendo atingido em 2007 o volume de 513 toneladas. (Tabela A.14 do Apêndice).

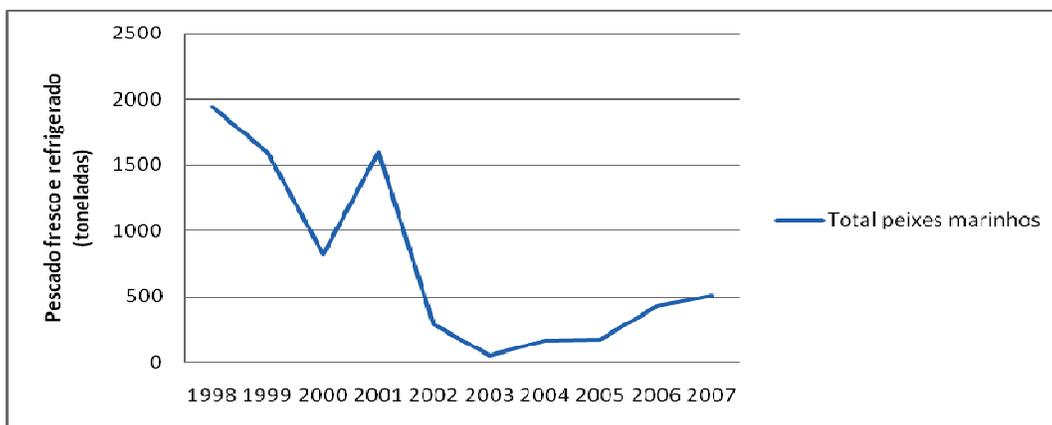


Gráfico 17: Pesca de cerco descarregada na Póvoa de Varzim
Fonte: Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.pt/>)

Da análise do Gráfico 18 que representa a pesca descarregada, segundo as espécies e que corresponde à quantidade do pescado transaccionado em lota acrescida das estimativas da fuga à lota para estimativa do equivalente em peso vivo, verifica-se que as espécies com interesse comercial com capturas superiores às 100 toneladas foram a sardinha o carapau, a faneca e a pescada branca. A quantidade de cavala descarregada nos anos 2006 e 2007 foi superior às 100 toneladas. As raias e as sardas apenas ultrapassaram as 100 toneladas em 2007. As restantes espécies apresentaram valores de pescado descarregado inferiores às 100 toneladas. (Tabela A.15 do Apêndice)

Embora a quantidade de crustáceos capturados seja superior a uma tonelada a quantidade de lagostas descarregadas só atingiu uma tonelada em 2003 e em 2006 e os lagostins apenas em 2007 atingiram a uma tonelada. (Tabela A.16 do Apêndice)

Os polvos foram os moluscos mais capturados atingindo valores de captura superiores às 200 toneladas. Os chocos apresentaram um volume de captura superior a uma tonelada enquanto as lulas/potas tiveram capturas inferiores a uma tonelada em 1999, 2000, 2002 e 2007. (Tabela A.17 do Apêndice)

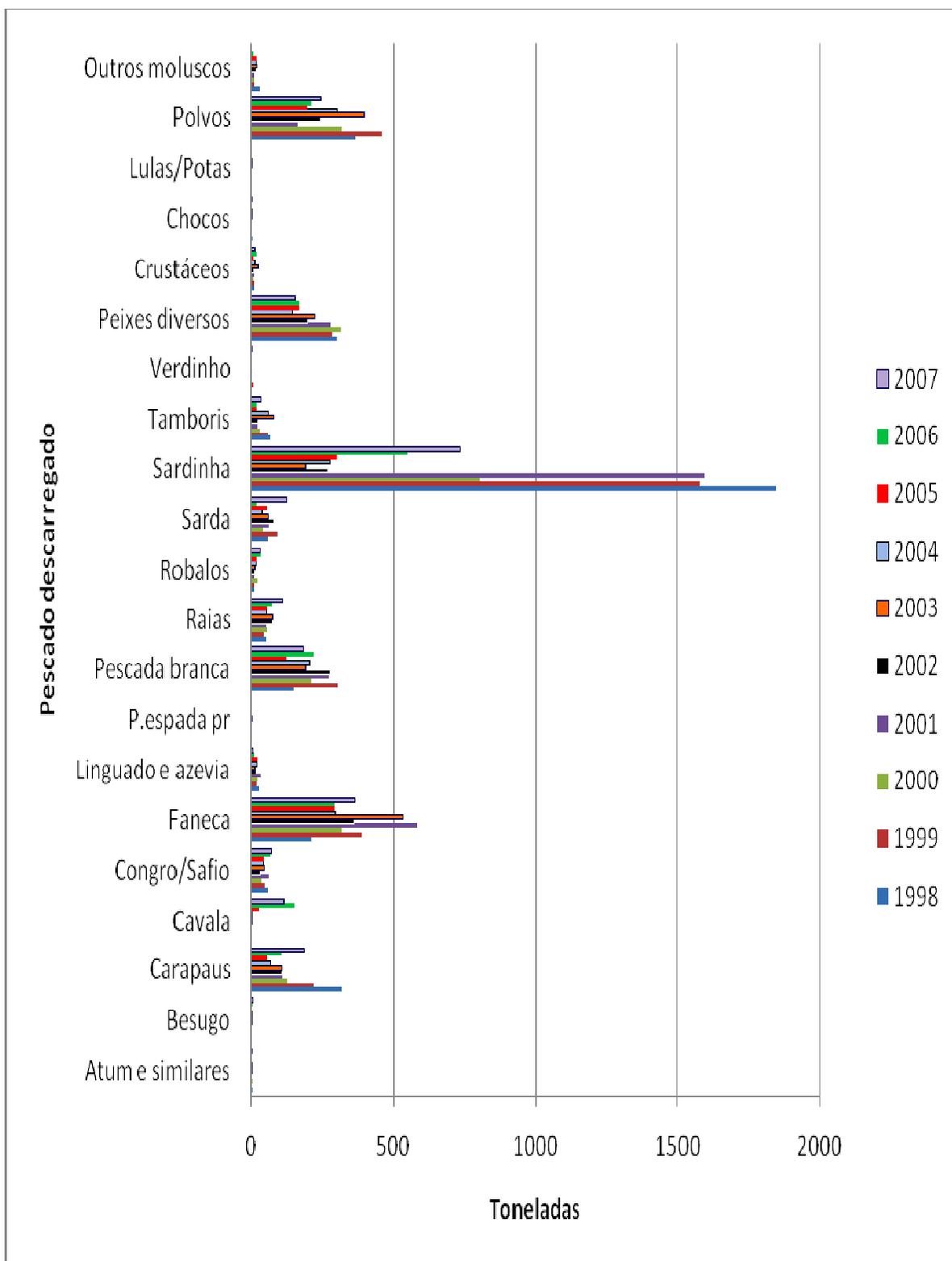


Gráfico 18: Pesca descarregada, segundo as espécies na Póvoa de Varzim.
 Fonte: Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.pt/>)

O Gráfico 19 representa o volume de moluscos descarregados na Póvoa de Varzim.

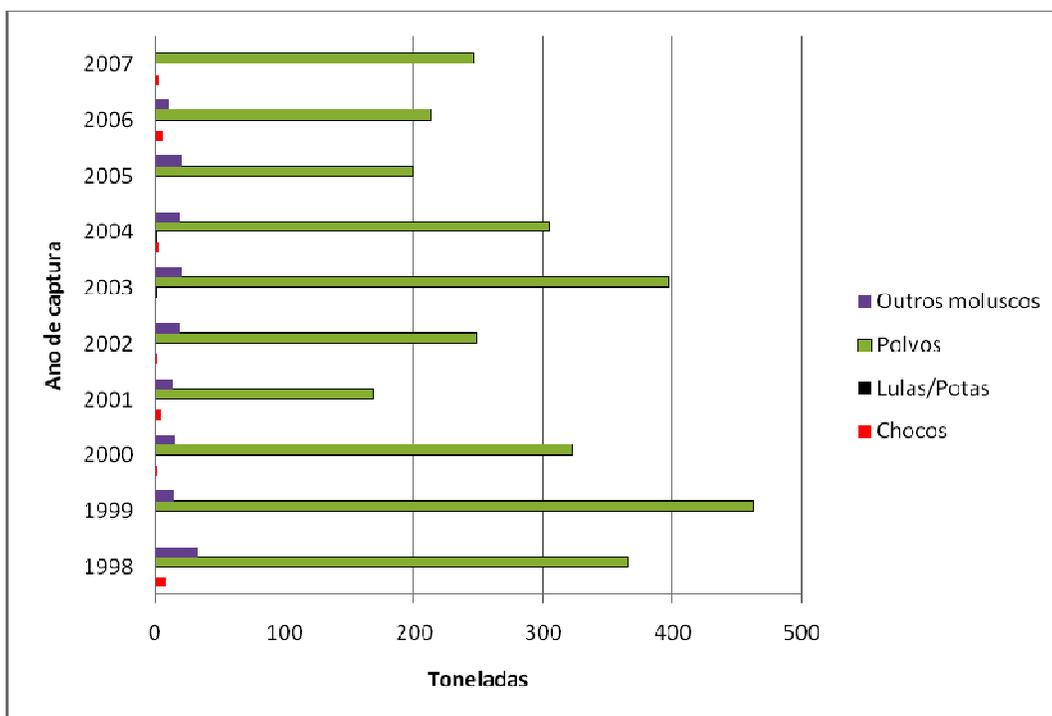


Gráfico 19: Moluscos descarregados (t) na Póvoa de Varzim
 Fonte: Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.pt/>)

3.5. PESCADORES MATRICULADOS

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), em Portugal, o número de pescadores matriculados desde 1998 até 2007 diminuiu como se pode observar no Gráfico 20. (Tabela A.18 do Apêndice)

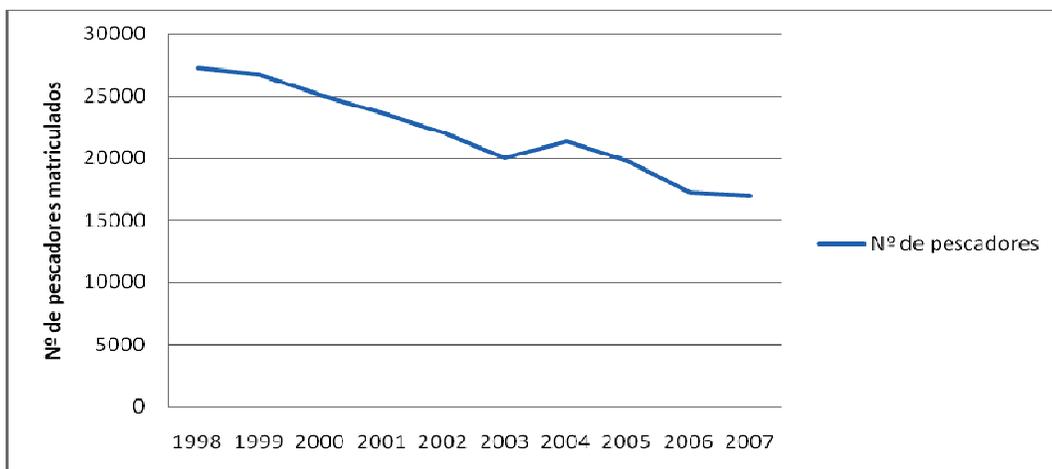


Gráfico 20: Número de pescadores matriculados em Portugal
 Fonte: Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.pt/>)

No Gráfico 21, segundo a mesma fonte de dados, o Instituto Nacional de Estatística (INE), regista-se o número de pescadores matriculados no Continente, na região Norte e na Póvoa de Varzim em 2003 era superior ao registado em 2007. Na região Norte e na Póvoa de Varzim verificou-se um aumento de pescadores matriculados em 2007. (Tabela A.19 do Apêndice)

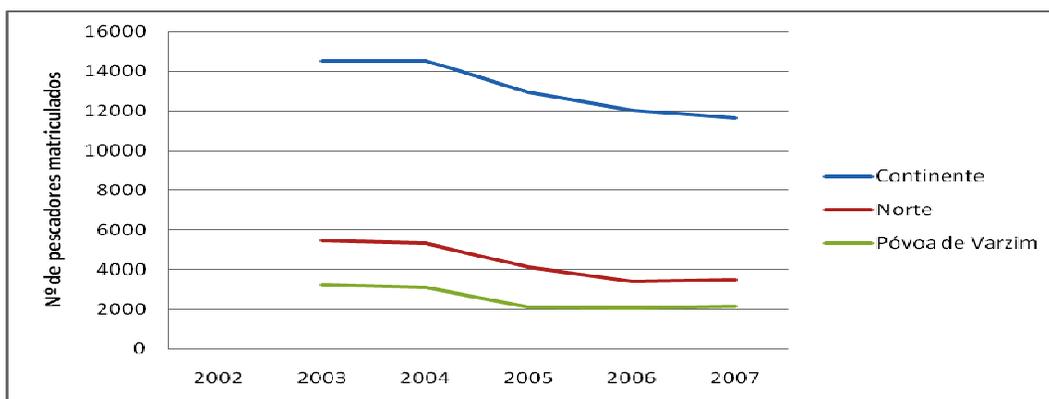


Gráfico 21: Número de pescadores matriculados em 31 de Dezembro em portos nacionais. Fonte: Instituto Nacional de Estatística (<http://www.ine.pt/>)

A partir dos registos existentes na Capitania do Porto da Póvoa de Varzim relativos ao período de 2002 a 2007, verificou-se que, nos últimos cinco anos, o número de pescadores matriculados na pesca local diminuiu como se regista no

Gráfico 22. Nos registos entre 2002 e 2004, na tripulação, existiam dois a três marítimos que eram fixos o que não se verificou, de um modo geral, nos últimos anos. O número de não marítimos não foi significativo e a maioria eram alunos da escola de pesca. (Tabela A.20 do Apêndice)

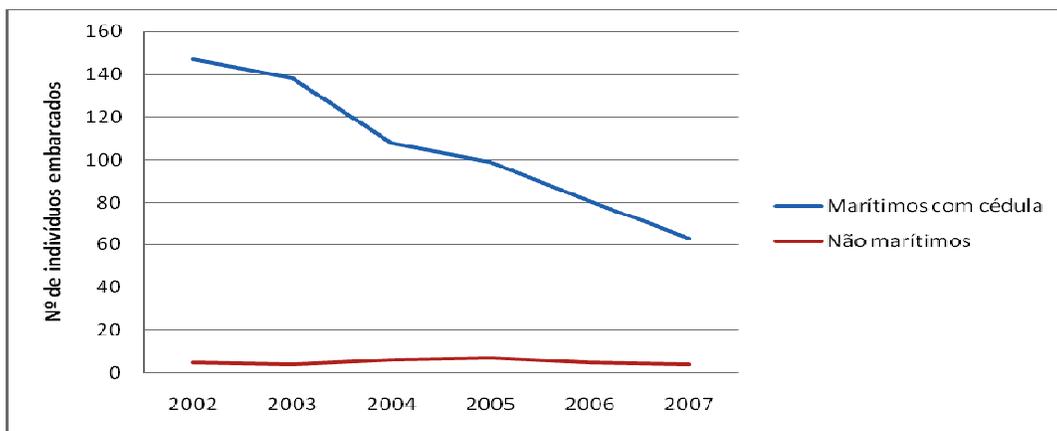


Gráfico 22: N.º de marítimos e não marítimos matriculados no sector da pesca local na Póvoa de Varzim (Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

Relativamente ao número de pescadores matriculados na pesca costeira na Capitania do Porto da Póvoa de Varzim, no período entre 2002 e 2007, verificou-se um aumento de matrículas até 2003 como se regista no Gráfico 23. A partir dessa data o número de matrículas diminuiu. Quanto aos não marítimos, pescadores sem cédula, verificou-se um aumento que nos últimos dois anos tem diminuído. A presença, nos barcos de pesca, de emigrantes de Leste foi maior nos anos de 2003, 2004 e 2005. (Tabela A.21 do Apêndice).

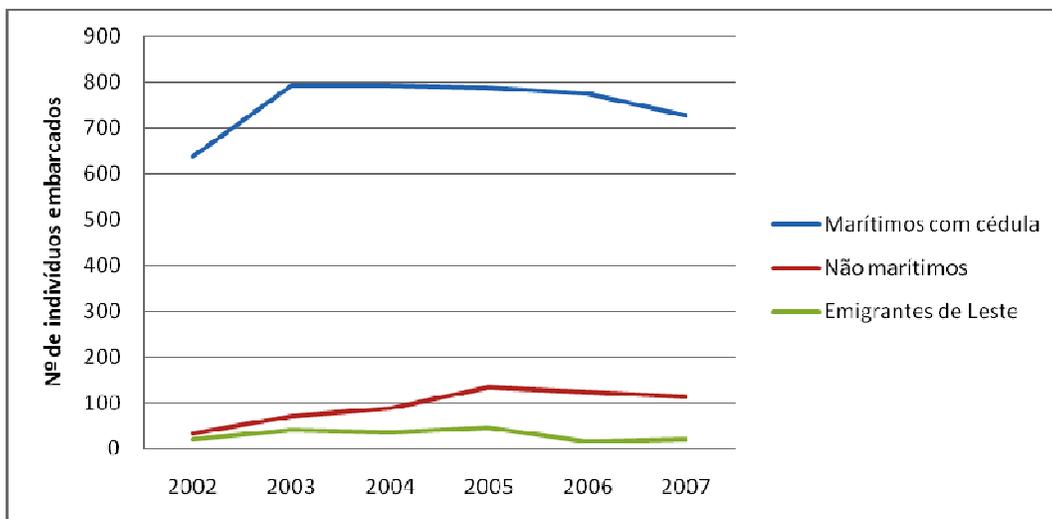


Gráfico 23: Nº de marítimos e não marítimos matriculados no sector da pesca costeira na Póvoa de Varzim (Dados compilados nos registos da Capitania da Póvoa de Varzim)

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

4.1. BREVES NOTAS SOBRE A METODOLOGIA UTILIZADA

Segundo Cohen “tal como a pesca, a entrevista é uma actividade que requer uma preparação cuidadosa, muita paciência e experiência considerável se a eventual recompensa for uma captura valiosa” (*in* Bell, 1993).

O facto da preparação das entrevistas ter sido feita no fim da recolha de informação permitiu seleccionar as questões de maneira a obter o máximo de informação. Como refere Cohen, foi necessária muita paciência e tempo com os entrevistados para que os resultados se pudessem considerar uma “captura valiosa”.

No início das entrevistas, os pescadores estavam mais contidos e as respostas foram pouco conclusivas. Com o passar do tempo começaram a responder com mais clareza e objectividade. Nas entrevistas realizadas no cais, durante as manhãs de sábado, os pescadores encontravam-se mais descontraídos e as respostas foram mais curtas e objectivas. Os entrevistados queriam responder rapidamente ao que lhes era perguntado para poderem falar de assuntos que não se enquadravam nos objectivos deste trabalho.

Os pescadores com menos de dois anos na actividade não quiseram responder a nenhuma questão encaminhando-nos sempre para companheiros com mais tempo de trabalho.

Foram abordadas várias áreas: a actividade profissional em que se procurou saber qual a formação que os entrevistados possuíam, qual era o interesse dos descendentes pela pesca, local de trabalho e funções desempenhadas nas embarcações; as artes da pesca utilizadas e o tipo de capturas; as embarcações mais utilizadas e estado dos pesqueiros.

4.2 RESULTADOS DAS ENTREVISTAS

Foram obtidas doze entrevistas, dez a pescadores e duas a patrões, que correspondem às seguintes características:

INDIVÍDUOS ENTREVISTADOS

Grupo etário:	20 – 22 Anos	35 – 45 Anos	Mais de 50 Anos
Formação:	2- Curso Profissional	4- 2º Ciclo e formação para a pesca 4- Formação para a pesca	1- 4ª Classe e formação para a pesca 1- 2º Ciclo e formação para a pesca
Função:	2- Pescador	7- Pescador 1- Patrão	1- Patrão 1- Pescador 12 anos

A frequência das respostas dos entrevistados às questões para cada um dos tópicos do guião foi a seguinte:

Tópico 1: *Actividade profissional*

– Idade de início da actividade	10
– Formação profissional	12
– Tempo de serviço	10
– Local onde exercem a actividade	11
– Funções desempenhadas	12

Tópico 2: *Embarcações*

– Número de embarcações da frota de pesca	12
– Evolução das embarcações	12
– Condições de trabalho nas embarcações	10

Tópico 3: *Artes de pesca*

– Artes utilizadas	10
– Número de artes utilizadas	7

– Tipo de capturas	10
– Respeito pelas normas	10

Tópico 4: Recursos piscícolas

– Estado dos pesqueiros	12
– Causas para o estado dos pesqueiros	12

Das entrevistas resultou um conjunto de informação que, depois de triado de acordo com a metodologia anteriormente descrita, permitiu apontar o que abaixo se apresenta.

Tópico 1: Actividade profissional

A partir das gravações e dos apontamentos das entrevistas, verifica-se que a maioria dos pescadores tem poucos anos de escolaridade. Os mais velhos iniciaram a actividade por volta dos doze anos, altura em que completavam a 4^a classe e tiravam a cédula. Os de meia-idade, entre os trinta e cinco e quarenta anos, possuem o segundo ciclo ou o terceiro ciclo incompleto. Nos mais jovens já se encontram pescadores com formação nas Escolas Profissionais de Pesca. Alguns dos pescadores mais antigos referiram ter iniciado a actividade nos anos sessenta e terem feito “formação para a pesca”.

Quando questionados sobre os filhos, a maioria respondeu que os filhos não são pescadores, não querem ser e preferem dar-lhes “melhor vida”. Uma das justificações apresentadas para os baixos ordenados é o aumento da mão-de-obra indonésia que é mais barata e reduz o trabalho para os portugueses. A maioria dos entrevistados alegaram que “cá quem tem os barcos são os patrões e os filhos são os mestres” e que por isso não têm grandes expectativas de melhorarem.

Sobre o facto de o número de registo das cédulas estar a diminuir, responderam que há poucos jovens registados porque, aqui, não ganham para comer, só é bom para os patrões. Por exemplo, num barco há 14 camaradas – 7 estão em terra a tratar dos aparelhos e os que estão no mar é que pagam os de terra. O patrão dá-lhes uma parte mas desta parte tem que dar uma metade aos que estão em terra. Também acham que “os de terra têm o benefício todo e o patrão gosta mais deles, não dando valor aos que estão no mar”.

A opinião manifestada sobre os patrões de Matosinhos e da Póvoa é que são diferentes dos do resto do país. Os do Sul dizem “entre Porto e Matosinhos é um ninho de ladrões” e quando os da zona chegam ao Sul dizem “lá vêm os ladrões”. Os próprios pescadores referem-se a si próprios como “os ladrões”, contando as histórias sobre o que dizem os de Peniche e mais abaixo quando os do Norte aparecem.

Sendo filhos de pescadores ou patrões locais referiram que, antigamente, não havia assistência na doença nem na velhice, não faziam descontos, mas que a partir dos anos 70 melhoraram de vida. Porém, alguns têm necessidade de ir para embarcações estrangeiras, plataformas petrolíferas e outras actividades para poderem viver com melhores condições, para comprarem a casa e outros bens mas que, por volta dos 40 anos regressaram e não pensam voltar a sair. Actualmente, descontam para a Acção Social, Seguradoras, Associação de Pesca e consideram que tudo que paguem a mais de 17% é “roubar”. Alegaram que os descontos não estão bem definidos e que se refilarem perdem o trabalho.

Embora nos outros países o subsídio de desemprego seja muito melhor do que em Portugal e haver subsídio de férias e de Natal, o que não existe por cá, todos os entrevistados manifestaram o gosto e a vontade de trabalhar nesta região, Póvoa de Varzim.

Embora tenham referido descontentamento em relação aos patrões (excepto os que são patrões), trabalham durante bastante tempo na mesma embarcação. As actividades que desempenham são “de tudo um pouco”. Um dos patrões entrevistado, sempre que foi contactado estava a tratar dos aparelhos de anzol, chegou mesmo a referir que “faço tudo pela minha mão, carpinteiro, patrão, mecânico.”

Tópico 2: Embarcações

Há um consenso sobre o facto de que a partir dos anos 70 a vida dos pescadores melhorou. Antigamente havia muito trabalho à base de força mas, actualmente, os barcos são melhores porque já possuem os aladores e não é preciso força.

Quanto aos equipamentos de navegação e meteorologia, os barcos estão melhor apetrechados. A partir das cartas vêem o tempo “dando-se ao luxo de pescar num sítio enquanto ao lado está tempestade”. Alguns entrevistados referiram que,

actualmente, os problemas são os temporais. Alguns pescadores referiram que conhecem o fundo do mar todo, os nomes e os lugares e que “se os velhos viessem agora ao mundo morriam de pasmo”.

Para as embarcações costeiras, não tem havido autorização para fazer alterações que proporcionem melhores condições de trabalho para os pescadores. As embarcações de madeira têm sido substituídas pelas de ferro que são feitas em Espanha. Na região existem dois barcos de ferro que são muito bons o *Mãe Santíssima* e a *Virgem Dolorosa*. Estes barcos têm camarotes e boas condições para os pescadores, são maiores, têm melhores condições de um modo geral e são mais seguros. A segurança no trabalho é um dos aspectos que preocupam os pescadores porque, por exemplo, nos outros países são obrigados a trabalhar com coletes de salvação modernos enquanto cá não.

Sobre a renovação da frota pesqueira referiram que os donos não investiram em novas embarcações nem na melhoria dos mesmos e que a área de exploração marítima foi vendida a outros pescadores. Assim, o número de embarcações tem reduzido o que se tem agravado com a falta de pescadores. Há muitos barcos que não estão a trabalhar, estão encostados a “ganhar ratos, a servir de abrigo para toxicodependentes”.

Tópico 3: Artes de pesca

O número de artes aumentou trazendo mais lucros para os armadores. O número de redes aumentou sendo grande parte largadas dia a dia. Também utilizam mais redes de cerco, redes de fundo, redes de emalhar de dois tipos de malha e anzóis Actualmente a pesca é mais facilitada, as redes são mais resistentes.

O número de armadilhas também aumentou. As embarcações maiores só têm licença para covos que são em média 45X35. Mas usam 20, 30 ou 40.000 que largam e não recolhem ficando na água todo o ano. “Colhem” o peixe, voltam a iscar e atiram-no para o mar.

Os pescadores da região pescam principalmente, com os “barcos de redes” a pescada, com as redes de cerco a sardinha e a cavala e com as redes de fundo o linguado. Com o anzol, pescam o congro, o robalo e o peixe-espada. Um dos

entrevistados referiu o seu descontentamento por não aparecer nas estatísticas a grande quantidade de peixe-espada pescado no Norte.

Tópico 4: *Recursos piscícolas*

Quando questionados sobre a quantidade de peixe existente apenas um dos entrevistados considerou que “há muito peixe mas os preços é que não ajudam”. Dum modo geral referiram que quando comparada com antigamente, “não há”. São de opinião que não são os espanhóis os causadores, mas sim os arrastões russos que “desgraçaram “ o peixe e chegaram mesmo, em 71-72, “a andar à turra com eles atirando pedras que usavam nos palangres”. A pesca de arrasto é que tem destruído o fundo do mar, está todo “partido” e “podre”. Os arrastões levam muitas redes e os pescadores não as vão buscar. Os mais antigos referem-se ao facto de perderem as redes “entrapando” o fundo do mar.

Porém a diminuição de peixe deve-se aos arrastões e não só. Referiram, por exemplo, que o peixe capturado acima dos 60% permitidos por lei que é deitado fora e os peixes muito pequenos capturados com as redes de malha mais pequena provocaram a sua escassez que se reflectiu durante um período de dois anos quando usaram malha de 40 mm em que “não pescaram nada”. As redes de malha menor que são colocadas no pano do meio apanham, por exemplo, pescada pequena e outros peixes que são desprezados. Sobre o defeso, acham que antigamente era respeitado e que actualmente com a rotação dos barcos não se verifica. Alguns pescadores com mais idade acham que há menos cuidado com o pescado que, ficando ao sol nos barcos acaba por ser desperdiçado se não tiver valor comercial.

O facto dos antigos donos dos “terrenos do mar” os terem vendido a preços elevadíssimos fez com que os novos donos, pescadores, aumentassem o número de armadilhas e outras artes levando à sobre exploração. Consideram que há muitos aparelhos no mar como por exemplo redes de emalhar. Têm licenças para 200 aparelhos mas largam aos milhares como por exemplo os púcaros que deixam lá ficar acabando por abandoná-los, assim como as redes mesmo sabendo que é proibido e que se reflecte no elevado número de multas.

Com a venda em lota, os pescadores não têm controlo no preço de venda do pescado depois de desembarcado. Entregam o pescado, vão para casa com a ideia

de uma boa safra e quando verificam os preços “foram para baixo”. Antigamente o sistema de venda fazia com que os preços fossem mais justos. Assim, o pescado de cerco não foge à lota, mas o outro sim. Todos referiram que é muito, normalmente só dá ganho ao patrão, prejudicando os pescadores que não recebem nada dele e que é a única maneira de ganharem algum sendo praticado por todos.

Depois de terem afirmado e justificado a escassez de pescado, referiram que não concordam com as restrições das licenças de pesca que são estipuladas em função dos stocks porque, para os entrevistados, “há muito pescado”. Consideram que as leis não permitem uma continuidade de trabalho e evolução chegando mesmo a afirmar que “o nosso Ministro anda cego” relativamente à pesca artesanal. Como reflexo da crise actual, foram uma constante as observações sobre o preço do gasóleo que juntamente com as multas fazem com que a pesca costeira não compense. Quanto à Capitania referiram que são sempre apoiados em especial quando lhes cortam as redes e quando roubam os aparelhos.

5. CONCLUSÕES

5.1 ALGUMAS REFLEXÕES

Ao longo de um trabalho de investigação torna-se necessário ir anotando o que poderia ser melhorado perante a metodologia utilizada. Muitos factores interferem na possibilidade da alteração da metodologia escolhida, sendo o mais forte o tempo definido para a elaboração do trabalho.

Assim, resta reflectir sobre as metodologias utilizadas e sobre as situações que poderão ter limitado a obtenção de registos como foram a consulta de dados efectuada na Capitania da Póvoa de Varzim em que:

- A consulta dos documentos dependia do horário dos serviços que não era compatível com o horário disponível para a consulta e, por vezes, com a disponibilidade do local onde se podiam consultar os arquivos;
- Como não se obteve permissão para aceder livremente a todo o arquivo, apenas se teve acesso à documentação que era fornecida pelos funcionários da secretaria.

Quanto à realização de entrevistas:

- A recolha de informação por entrevista não foi a mais adequada porque além de não ser estatisticamente representativas não forneceu uma informação rigorosa uma vez que os entrevistados se contiveram nas suas respostas, o que não teria sucedido num inquérito anónimo.

Apesar das situações referidas, pode-se sempre tirar algumas conclusões muito válidas que poderão promover outros caminhos de investigação.

5.2 CONCLUSÃO

A análise dos resultados revelou que, apesar da diminuição do número de embarcações da frota e do número de pescadores matriculados, a actividade da comunidade piscatória da Póvoa de Varzim ainda é significativa para a região, como pode ser deduzido dos valores apresentados abaixo. Durante a consulta dos arquivos na Capitania da Póvoa de Varzim verificou-se que há uma tendência para a modernização das embarcações e para a matrícula de pescadores mais jovens.

Da análise da frota de pesca conclui-se que há uma tendência para o aumento da pesca costeira que se reflectiu, desde 1998 até 2007, no aumento de 10 embarcações, para um total de 70. Relativamente à frota utilizada na pesca local, durante o mesmo período, houve uma diminuição de 61 embarcações, ficando um total de 23. De um modo geral pode-se concluir que a frota de pesca registada nos dois segmentos sofreu uma redução de 50%.

O aumento do número de embarcações registadas para a pesca costeira reflectiu-se no aumento de licenças de pesca atribuídas. Conclui-se que, na pesca costeira, as artes mais licenciadas são as que utilizam redes e que, entre 1998 e 2007, aumentaram de 87 para um total de 161 registos. Em 2007 as redes de emalhar com um pano, fundeadas, representaram 51,5% e as redes de tresmalho 37,1% do total de redes registadas. As redes menos utilizadas foram as redes de emalhar com um pano de deriva tendo-se verificado que no período de 1998 até 2000 não houve registos, em 2001 foi atribuída apenas uma licença e em 2007 só foram atribuídas duas licenças. O número de armadilhas licenciadas, durante o período de estudo, aumentou de 30 para um total de 57 registos. Em 2007 as armadilhas mais licenciadas foram os alcatruzes com 66,6% dos registos, os restantes 33,3% de registos foram para as gaiolas. Para a pesca à linha o número de registos aumentou de 33 em 1998 para 72 em 2007.

Relativamente à pesca local, apesar da grande redução de embarcações, conclui-se que houve um aumento no total de artes licenciadas. Entre 1998 e 2007 houve um acréscimo de 56 licenças, para um total de 125. Em 2007 os aparelhos com redes representavam 40,8%, as armadilhas 43,2% e a pesca à linha, palangre, 16% do total das artes licenciadas. Pode-se concluir que, no período de 1998-2007, o número de licenças atribuídas para a utilização de aparelhos com redes aumentou

10,4%, para a utilização de armadilhas diminuíram 1,7% e para a pesca à linha houve uma redução de 8,6%

Comparando as artes de pesca licenciadas para as embarcações da Póvoa de Varzim, pode-se concluir que, na pesca costeira, os aparelhos com redes são mais utilizados, seguindo-se a pesca à linha e por fim as armadilhas e que, na pesca local, são mais utilizadas as armadilhas, em segundo lugar as redes e por último a pesca à linha. Enquanto na pesca costeira há mais licenças para os alcatruzes, na pesca local predominam as licenças para as gaiolas e os bombos/boscas.

Como reflexo de vários factores, entre os quais a diminuição da frota de pesca, o volume de pescado transaccionado também diminuiu. Conclui-se que o maior volume de pescado descarregado resultou da pesca polivalente registando-se um aumento 422 t, para um total de 1 626 t de peixes marinhos capturados e uma diminuição na captura de moluscos equivalente a 156 t, para um total de 252 t, das quais 76% são relativos aos polvos. O pescado descarregado resultante da pesca de cerco apresentou uma diminuição de 73,5% desde 1998 até 2007.

Na Póvoa de Varzim, as espécies capturadas com maior significado são a sardinha, a faneca, o carapau, a pescada branca e a raia cujas capturas apresentaram, excepto o carapau em 2004 e 2005, um volume superior a 100 t. O volume descarregado de sardas, raias, congro, tamboril e robalo foi superior a 10 t durante o período de estudo. Os linguados e as azevias desde 1998 até 2007 apresentaram uma diminuição de 19 t, para um total de 9 t no volume de exemplares descarregados. As cavalas, cuja captura foi reduzida até 2004, têm registado valores superiores a 100 t desde 2006.

Verificou-se que, desde 1998, tem-se vindo a registar uma descida do número de pescadores matriculados em Portugal e que, entre 1998 e 2007, houve uma redução de 37,4% indivíduos matriculados. Da análise do número de pescadores matriculados na Póvoa de Varzim durante o período de 2002 a 2007, conclui-se que houve uma redução de 57,1% no sector da pesca local e que, na pesca costeira, houve um aumento 12,6% de registos. O número de não marítimos matriculados na pesca costeira passou de 33 em 2002 para 113 matrículas em 2007.

Da análise das entrevistas, pode-se inferir que os pescadores estão conscientes da redução do número de embarcações registados, do aumento de artes de pesca utilizadas e da diminuição de pescadores inscritos. Reconhecem que houve

uma evolução positiva nas embarcações, que possuem melhores equipamentos para a navegação, detecção de cardumes e conhecimento das condições meteorológicas. Apesar da melhoria nas condições de trabalho a bordo e da assistência em terra, consideram que os rendimentos são baixos o que tem contribuído para o abandono da profissão. Relativamente aos *stocks* de pescado não se retirou nenhuma conclusão devido à incoerência das respostas.

5.3 NOTAS FINAIS

Ao terminar este trabalho considerou-se relevante fazer referência ao objectivo global para o Programa Pesca 2007-2013 que consiste em:

“Promover a competitividade e sustentabilidade a prazo do sector, apostando na inovação e na qualidade dos produtos, aproveitando melhor todas as possibilidades da pesca e potencialidades da produção aquícola, com recurso a regimes de produção e exploração biológica e ecologicamente sustentáveis, e adaptando o esforço de pesca aos recursos pesqueiros disponíveis”

Se as medidas tomadas pelos nossos governantes forem no sentido de atingir este objectivo, a actividade piscatória na Póvoa de Varzim terá um futuro promissor. Se tal não acontecer, após a análise feita da actividade piscatória na Póvoa de Varzim nos últimos dez anos conclui-se que a situação é de facto preocupante mas, considerando a história da região, pode-se dizer que existem condições para uma melhoria no futuro.

Dado o tempo escasso para a realização deste trabalho não foi possível fazer um registo mais pormenorizado das características e das alterações efectuadas nas embarcações, nem o levantamento dos recursos humanos como por exemplo: o local de residência, a idade e a escolaridade dos pescadores. Um estudo destes deveria servir de base para a implementação de medidas mais eficazes para a melhoria do sector das pescas.

6. BIBLIOGRAFIA

Aicep.(2008) *Portugal – Perfil país. Acedido em Agosto de 2008 em:*
<http://a.icep.pt/portugal/portugal.asp>

Amorim, M. (2008). *A história da Póvoa de Varzim.* Acedido em 15 de Janeiro de 2008,
em: <http://www.povoadevarzim.com.pt>

Azevedo, J. (2001). *Histórias do mar da Póvoa.* Edição da Câmara Municipal da Póvoa
de Varzim

Azevedo, J. (2007). *Poveirinhos pela graça de Deus.* Edição da Câmara Municipal da
Póvoa de Varzim

Bell, J. (1993) *Como realizar um projecto de investigação.* 3ª Edição Gradiva –
Publicações L.^{da} Lisboa

Campbell, A.(1994). *Fauna e Flora do Litoral de Portugal e da Europa.* 1ª Edição
FAPAS/Câmara Municipal do Porto.

Capitania da Póvoa de Varzim (s/d). *Registos de licenciamento de artes, embarcações
e pescadores.*

Chaussade, J. (1997). *Os recursos do mar.* Gráfica Manuel Barbosa &Filhos Lda

DOCAPESCA Portos e Lotas, S.A. (1998) *Informação anual – vendas de pescado,*
Departamento de Estatística e Relações Públicas. Lisboa

DOCAPESCA Portos e Lotas, S.A. (1999) *Informação anual – vendas de pescado,*
Departamento de Estatística e Relações Públicas Lisboa

DOCAPESCA Portos e Lotas, S.A. (2000) *Informação anual – vendas de pescado,*
Departamento de Estatística e Relações Públicas Lisboa

DOCAPESCA Portos e Lotas, S.A. (2001) *Informação anual – vendas de pescado,*
Departamento de Estatística e Relações Públicas Lisboa

DOCAPESCA Portos e Lotas, S.A. (2002) *Pescado transaccionado (Números provisórios)*, Departamento de Estatística e Relações Públicas. Lisboa

DOCAPESCA Informação Institucional. Acedido em Agosto de 2008 em:
http://www.docapesca.pt/web_intro.asp

Duarte, F. C. (2001, Janeiro). O Sector Conserveiro português. Análise Regional, História e Futuro. *Tecnipeixe nº5*. Acedido em
www.aldraba.org.pt/PDF/Conservas.pdf

Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Educar, Curitiba. Editora UFPR. Acedido em Agosto de 2008 em
<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewFile/2216/1859>

Filipe, J. A., Coelho, M. F. e Ferreira, M. A. (2007). *O Drama dos Recursos Comuns – À procura de soluções para os ecossistemas em perigo*. 1ª edição, Edições Sílabo, Lda

FORPESCAS. (2004). *Apontamentos – U.C. 1.3 -Legislação Marítima*. Acedido em 2 de Julho de 2008 em:
http://portal.iefp.pt/xeobd/attachfileu.jsp?look_parentBoui=28013646&att_display=n&att_download=y

Grande Enciclopédia do Oceano.

Instituto Nacional de Estatística. (1996). *Estatística da Pesca 1995*. Acedido em Setembro de 2008, em: <http://inenetw02.ine.pt:8080/biblioteca/index.jsp>

Instituto Nacional de Estatística. (1997). *Estatística da Pesca 1996*. Acedido em Setembro de 2008, em: <http://inenetw02.ine.pt:8080/biblioteca/index.jsp>

Instituto Nacional de Estatística. (1998). *Estatística da Pesca 1997*. Acedido em Setembro de 2008, em:
http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (1999). *Estatística da Pesca 1998*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:
http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2000). *Estatística da Pesca 1999*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2001). *Estatística da Pesca 2000*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2002). *Estatística da Pesca 2001*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2003). *Estatística da Pesca 2002*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2004). *Estatística da Pesca 2003*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2005). *Estatística da Pesca 2004*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2006). *Estatística da Pesca 2005*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2007). *Estatística da Pesca 2006*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. (2008). *Estatística da Pesca 2007*. Acedido em 20 de Agosto de 2008, em:

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Instituto Nacional de Estatística. *Dados estatísticos*. Acedido em 20 de Agosto de 2008, em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados

- Leite, A. M. (1989). *Manual de Tecnologia de Pesca*. Edição da Escola Portuguesa de Pesca.
- Maitland, P.S. (1997). *The Hamlyn Guide to Freshwater fishes of Britain and Europe*. Hamlyn Publishing Group Limited. London
- MARE – Programa Operacional Pesca 2000-2006 – Quadro Comunitário de Apoio III – União europeia. Acedido pela última vez em 3 de Setembro em: <http://www.qca.pt/publicacoes/download/mare.pdf>
- Martins, L. (2007). *Mares Poveiros – Histórias, ideias e estratégias de pescadores da Póvoa de Varzim*. Co-edição da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e da Academia da Marinha
- Ministério da Agricultura do Desenvolvimento Rural e das Pescas. (2007). *Programa Operacional Pesca 2007-2013*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em: <http://www.dgpa.min-agricultura.pt>
- Miranda, J. R. (1993). *Tecnologia de Pescas*. 1ª edição, Gráfica 2000. Seixal
- Moniz, A. B., Godinho, M.M. e Kovács, I. (2000). *Pescas e Pescadores: Futuros para o Emprego e os Recursos*. 1ª edição, Celta Editora. Oeiras
- Pinho, A. D. (1998). *Pescas Nacionais – Pedacos de uma década perdida*. 1ª edição, Meribérica/Liber. Lisboa.
- Porto de pesca da Póvoa de Varzim*. Acedido em 15 de Janeiro de 2008, em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto de Pesca da Póvoa de Varzim](http://pt.wikipedia.org/wiki/Porto_de_Pesca_da_P%C3%B3voa_de_Varzim)
- Santos, M. (1994). *Páginas Verdes - Vila do Conde* Acedido em 28 de Agosto de 2008 em: http://www.rancho-da-praca.com/estaleiros/estaleiro_1.html
- Souto, H. (2008). *O mar que nos envolve – Correntes oceânicas*. Em: Atlas de Portugal - Um país de área repartida. Acedido pela última vez em 22 de Setembro em: http://www.igeo.pt/atlas/Cap1Cap1b_2.html
- Souto, H. (2008). *Recursos vivos marinhos- Um sector estratégico*. Em: Atlas de Portugal - Um país de área repartida. Acedido pela última vez em 22 de Setembro em: http://www.igeo.pt/atlas/Cap3Cap3c_1.html

7. APÊNDICES

7.1- APÊNDICE A - TABELAS DE DADOS

Tabela A.1 – Nº de embarcações registadas na frota de pesca nacional.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Total	11189	10933	10750	10532	10548	10262	10089	9955	8754	8637
Saídas	540	858	483	516	202	428	385	364	594	246
Entradas	289	329	300	298	218	252	262	251	193	168

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Tabela A.2 – Nº de embarcações com motor registadas na região Norte (NUTS II).

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Demolidas	126	100	84	104	61	63	67	99	48	47
Naufraçadas	5	9	9	2	5	5	4	2	1	0
Saídas da frota	10	17	30	34	28	16	11	9	28	21
Total	141	126	123	140	94	84	82	110	77	68
Construídas	82	94	81	90	71	54	53	49	27	28
Outras	3	6	1	2	0	2	8	3	6	4
Total	85	100	82	92	71	56	61	52	33	32
Varição	-56	-26	-41	-48	-23	-28	-21	-58	-44	-36

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Tabela A.3 – Espécies com valor comercial descarregadas na Póvoa de Varzim.

	1995	1996	1997
Sardinha (<i>Sardina pilchardus</i>)	5683	2996	7732
Faneca (<i>Trisopterus luscus</i>)	370	260	242
Pescada (<i>Merluccius merluccius</i>)	343	227	209
Carapau (<i>Trachurus trachurus</i>)	175	349	190
Sarda (<i>Scomber scombrus</i>)	157	260	157
Carapau negrão	14	26	13
Cavala (<i>Scomber japonicus e Scomber scombrus</i>)	14	36	21
Congro-safio (<i>Conger conger</i>)	121	100	92
Tamboril (<i>Lophius piscatorius</i>)	32	72	94
Linguado azevia	58	58	31
Raias (RAJIDAE)	44	58	52
Robalos (<i>Dicentrarchus labrax</i>)	20	23	9
Verdinho (<i>Micromesistius poutassou</i>)	1	7	7
Polvos (<i>Octopus vulgaris</i>)	193	389	532

Fonte: Instituto Nacional de Estatística
<http://inenetw02.ine.pt:8080/biblioteca/index.jsp>

Tabela A.4 – Nº de embarcações registadas na Capitania da Póvoa de Varzim.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Pesca Costeira	60	60	63	60	59	64	67	67	69	70
Pesca local	84	71	71	70	42	35	32	26	24	23
Total	144	131	134	130	101	99	99	93	93	93

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.5 – Número total de artes licenciadas para a pesca costeira.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
R. de emalhar com 1 pano - fundeadas	44	49	53	63	73	81	75	79	80	83
R. de emalhar com 1 pano - derivantes				1	2	2	1	2	3	2
R. de tresmalho - fundeadas	37	40	40	43	45	54	58	58	57	61
R. de Cerco para bordo	4	3	3	4	5	7	7	7	7	7
Arrasto	2	5	5	6	6	7	7	7	8	8
Armadilhas	30	31	33	40	41	47	50	56	54	57
Pesca à linha	33	37	43	46	49	60	62	67	69	72

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.6 – Nº de licenças para redes de emalhar de um pano fundeadas para pesca costeira.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
35 a 40mm					1	2	2	3	4	3
65mm	4	3								
60 a 79mm	11	14	14	19	18	26	28	27	25	31
80 a 99mm	27	30	39	42	45	37	29	32	33	30
Igual ou maior que 100mm	2	2	0	2	9	16	14	16	18	19
Tamanho não especificado							2	1		

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.7 – Número licenças para redes de arrasto para a pesca costeira.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Arrasto de vara 32 a 54 mm				2	3	4	4	4	5	5
Arrasto com ganchorra		3	3	4	3	3	3	3	3	3
Arrasto camar/pilado	2	2	2							

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.8 – Número licenças para artes de pesca à linha na pesca costeira.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Palangre de fundo	32	37	42	44	46	56	59	62	62	65
Palangre de superfície	1			1	2	3	2	4	6	6
Corrico de superfície			1	1	1	1	1	1	1	1

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.9 – Número licenças atribuídas para armadilhas de pesca costeira.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Alcatruzes	15	17	18	25	25	32	34	36	34	38
Gaiolas 30 a 50mm	1	1	2	15	16	15	16	16	17	19
Covos	14	13	13							

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.10 – Número total de licenças de artes de pesca para a pesca local.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Redes de Emalhar	13	22	22	21	32	43	51	36	35	38
Armadilhas	31	37	37	39	38	39	47	54	47	54
Tresmalho fundeado	8	10	12	11	11	14	16	14	13	13
Palangre de fundo	17	18	21	21	21	22	24	21	18	20

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.11 – Número de licenças atribuídas para a utilização de armadilhas na pesca local.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Gaiola				18	18	18	21	19	16	17
Bombos	14	17	17	18	17	17	18	17	15	17
Boscas							2	13	12	16
Covos	15	18	18						1	
Alcatruzes	2	2	2	3	3	4	6	5	3	4

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.12 – Número de licenças para redes de emalhar, tresmalho fundeado e palangre de fundo para a pesca local.

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
R. de emalhar: 60 a 79mm	1	8	8	12	15	20	24	17	16	17
R. de emalhar: 80 a 99mm	12	14	14	9	12	18	21	16	15	16
R. de emalhar: ≥ 100mm					5	5	6	3	4	5
Tresmalho fundeado	8	10	12	11	11	14	16	14	13	13
Palangre de fundo	17	18	21	21	21	22	24	21	18	20

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.13 – Volume de pescado transaccionado por tipos e artes de pesca (t)

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Pesca costeira	3.118	3.070	1.963	2.873	1.454	1.707	1.395	1.201	1.681	2.020
Polivalente	1.225	1.509	1.160	1.312	1.170	1.478	1.080	888	1.086	1.217
Cerco	1.893	1.561	803	1.561	284	229	315	313	595	803

Fonte: DOCAPESCA Portos e Lotas, S.A. Departamento de Estatística e Relações Públicas Informação anual – vendas de pescado.

Tabela A.14 – Pesca polivalente e de cerco descarregada na Póvoa de Varzim (toneladas de pescado fresco e refrigerado)

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Pesca polivalente - total	1658	2022	1563	1752	1553	2051	1419	1290	1586	1894
P. diádromos	2	1	1	2	2	3	1	1	1	1
P. marinhos	1204	1491	1212	1516	1201	1504	1071	1055	1333	1626
Crustáceos	16	16	11	15	12	27	16	12	23	15
Moluscos	408	478	339	187	270	421	326	222	229	252
Outros produtos	28	36		32	68	96	5	0	0	0
Pesca de cerco										
Total peixes marinhos	1943	1601	824	1600	292	52	165	174	422	513

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Tabela A.15 – Pesca descarregada, segundo as espécies, na Póvoa de Varzim.
(Corresponde à quantidade do pescado transaccionado em lota acrescida das estimativas da fuga à lota para estimativa do equivalente em peso vivo.)

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Atum e similares	7	3	9	4	9	1	3	1	2	3
Besugo	4	3	4	4	6	3	1	2	7	8
Carapaus	323	220	132	113	109	108	70	58	108	190
Cavala	3	3	1	1	6	5	1	29	156	115
Congro/Safio	60	52	41	64	34	46	45	49	70	72
Faneca	213	390	325	586	359	535	298	300	297	363
Linguado e azevia	28	22	25	35	18	15	20	24	13	9
P.espada pr	1	0			1	2	0	0	0	
Pescada branca	154	309	213	277	281	191	207	128	220	184
Raias	53	48	57	53	75	77	53	59	78	111
Robalos	15	14	24	16	14	15	18	22	36	31
Sarda	62	93	43	64	81	60	40	58	21	126
Sardinha	1849	1580	808	1592	271	192	281	307	552	733
Tamboris	68	63	32	25	27	81	62	22	23	35
Verdinho	4	10	1		1					2
Peixes diversos	306	286	321	282	201	226	144	170	171	157

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Tabela A.16 – Crustáceos descarregados na Póvoa de Varzim (t).

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Lagostas	0				0	1	0	0	1	
Lagostins										1
Outros crustáceos	16	16	11	15	12	26	16	12	23	14

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Tabela A.17 – Moluscos descarregados na Póvoa de Varzim (t).

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Chocos	8	1	2	4	2	1	3	1	5	3
Lulas/Potas	1	0	0	1	0	2	2	1	1	0
Polvos	366	463	322	169	249	398	305	200	213	247
Outros moluscos	33	14	15	13	19	20	19	20	10	3

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Tabela A.18 – Número de pescadores matriculados em Portugal

	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Nº de pescadores	27197	26660	25021	23580	22025	20033	21345	19777	17261	17021

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

Tabela A.19 – Pescadores matriculados em 31 de Dezembro em portos nacionais por Porto de registo e Segmento de pesca

	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Continente		14531	14544	12937	12019	11621
Norte		5467	5352	4121	3388	3476
Póvoa de Varzim		3237	3104	2093	2046	2142

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_base_dados

Tabela A.20 – Pescadores matriculados no sector da pesca local na Póvoa de Varzim

	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Embarcados marítimos	147	138	108	99	81	63
Embarcados não marítimos	5	4	6	7	5	4

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

Tabela A.21 – Pescadores matriculados no sector da pesca costeira na Póvoa de Varzim

	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Marítimos com cédula	636	793	792	787	775	728
Não marítimos (total)	33	71	89	133	123	113
Emigrantes de Leste	23	43	36	47	17	23

Dados compilados nos registos da Capitania do Porto da Póvoa de Varzim

7.2- APÊNDICE B – GUIÃO DA ENTREVISTA

Guião de orientação da entrevista semi-directiva efectuada a pescadores e patrões da Póvoa de Varzim.

Tópico 1: *Actividade profissional*

- Idade de início da actividade
- Formação profissional
- Tempo de serviço
- Local onde exercem a actividade
- Funções desempenhadas

Tópico 2: Embarcações

- Número de embarcações da frota de pesca
- Evolução das embarcações
- Condições de trabalho nas embarcações

Tópico 3: *Artes de pesca*

- Artes utilizadas
- Número de artes utilizadas
- Tipo de capturas
- Respeito pelas normas

Tópico 4: *Recursos piscícolas*

- Estado dos pesqueiros
- Causas para o estado dos pesqueiros
- Medidas governamentais (passadas e futuras)

8. ANEXOS

8.1- ANEXO A – LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA PÓVOA DE VARZIM

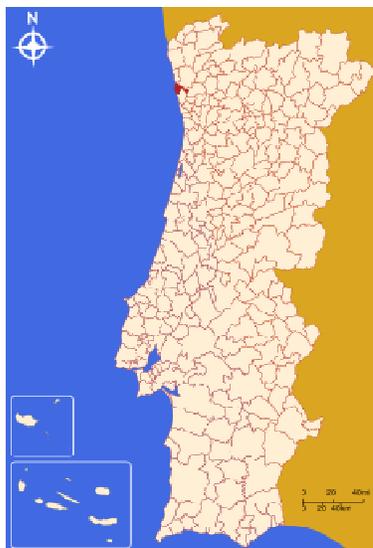


Figura A.1 - Localização da Póvoa de Varzim. Fonte: Wikipédia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Póvoa_de_Varzim)

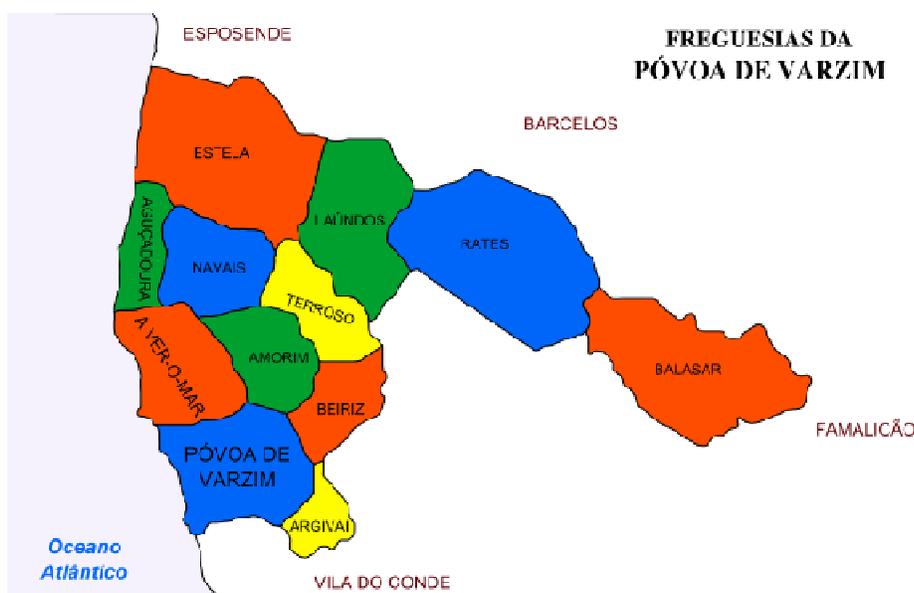


Figura A.2 - Freguesias da Póvoa de Varzim. Fonte: Wikipédia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Póvoa_de_Varzim)

8.2 - ANEXO B – FÁBRICAS DE CONSERVAS DA PÓVOA DE VARZIM

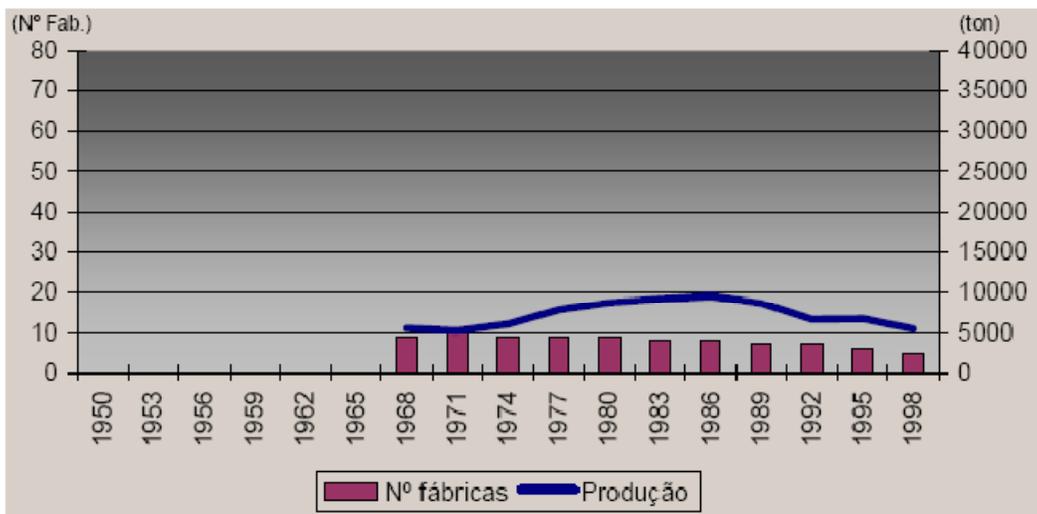


Gráfico B.1- Evolução do número de fábricas de conservas na Póvoa de Varzim. Fonte: www.aldraba.org.pt/PDF/Conservas.pdf